

MIACAI

DIRECTOR. CONSELHEIRO XX

ANNO 7

IV 167

RIO DE JANEIRO

5 DE SETEMBRO DE 1925



PREÇO PARA TODO BRASIL 1#000

EXPEDIENTE

66 A MAÇÃ 99

Semanário ilustrado. — Director: Conselheiro XX.

Proprietários: H. de Campos & Cia.

Redacção: Rua do Rosario, 108 — 2.º andar.

Administração: Rua da Quitanda, 59

Officinas: Rua Paulo de Frontin, 103 — Rio de Janeiro — Brasil

Aos nossos agentes de venda avulsa, do interior, que se encontram em atraso de pagamento, solicitamos a remessa das importancias correspondentes aos seus debitos, em vale postal, com a maxima brevidade.

CLUB TENENTES DO DIABO :::::

AVENIDA RIO BRANCO, 181

:::(TELEPH. C. 538):::

TEA-DANCING

::: Todos os dias :::

DAS 6 DA TARDE ÀS 3 DA
MADRUGADA. :::::AOS DOMINGOS DAS 7 HO-
RAS ÀS 3. :::::EXCELLENTE CORPO DE
DANÇARINOS :::::

OPTIMO JAZZ-BAND :::

CABARET-SELECTO

Frequentado
pelo mundo
elegante

Primoroso
serviço de
Restaurant



Numeros
de Successo

TRIO MONTESINOS
bailados excentricos

TANIA
suggestiva cantora hespanhola

Em 7 de Setembro --- SOIRÉE BLEUE

TELEPHONE DO ESPECIALISTA

— O meu amigo bem sabe o que tem gasto e quanto tem soffrido com essa prostatite.

Deixe-se de mais experiencias com remedios novos... no nome.

— O BLENO, é o unico especifico consagrado ha muitos annos.

Torne a usal o como manda o autor, e verá que a prostatite logo desaparece, e sem fazer a operação.

Lic. pelo D. N. S. P. em 20-5-1900, sob o n. 44.

O uso do Sabonete

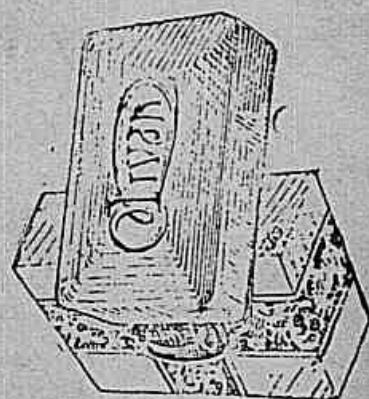


Nos. 1, 2 ou 3

Preserva a pelle de:

Manchas	Cravos
Sardas	Vermelhidões
Espinhas	Comichões
Rugosidades	Irritações

(LABORATORIO
OLIVEIRA JUNIOR)



CABELLOS

Uma descoberta cujo segredo custou 200 contos de réis

A Loção Brilhante é o melhor específico para as affecções capillares. Não pinta porque não é tintura. Não queima porque não contém saes nocivos. E' uma fórmula scientifica do grande botânico Dr. Ground, cujo segredo foi comprado por 200 contos de réis.

Analysada e autorizada pelos principaes Institutos Sanitarios do extrangeiro e Departamentos de Hygiene do Rio de Janeiro e São Paulo.

Com o uso regular da Loção Brilhante:

- 1.º — Desapparecem completamente as caspas e as affecções parasitarias.
- 2.º — Cessa a quêda do cabelo.
- 3.º — Os cabellos brancos, descorados ou grisalhos voltam á côr natural primitiva sem ser tingidos ou queimados.
- 4.º — Detem o nascimento de novos cabellos brancos.
- 5.º — Nos casos de calvie faz brotar novos cabellos.
- 6.º — Os cabellos ganham vitalidade, tornam-se lindos e sedosos e a cabeça limpa e fresca.

A Loção Brilhante é usada pela alta sociedade de S. Paulo e Rio.

A' venda em todas as Drogarias, Perfumarias e Pharmacias de 1.ª ordem.

ODONTOL

PASTA PÓ-ELIXIR
DENTIFRICIOS

Mantem a
hygiene
da bocca

CLARÊAM E
CONSERVAM
OS DENTES

Perfumam
o halito

Em todas as
Pharmacias,
Drogarias,
Perfumarias,
ou no
deposito.

F^{CO}. GIFFONI

1.º DE MARÇO 17



PETROL

LOÇÃO DE PETROLEO MEDICINAL

**PERFUMA, —
— ONDULA,
— AMACIA E —
CONSERVA O
CABELLO.**

ENCONTRA-SE NAS BOAS PHARMACIAS,
DROGARIAS, PERFUMARIAS E
NO DEPOSITO GERAL PHARMACIA E DROGARIA
FRANCISCO GIFFONI & CA
RUA 1º DE MARÇO, 17-RIO DE JANEIRO

VELHOS-OUVI!

A' MOCIDADE É TUDO

A Saude do Homem, não contem absolutamente cantharidas, nem outra substancia animal, que possa prejudicar qualquer órgão do corpo humano. E' simplesmente um tonico nervino e gerador das forças perdidas pelo prolongamento da idade. E' o vosso paraíso... E por ser o mais energico de todos os reconstituintes modernos, é que cura: IMPOTENCIA (até a idade de 90 annos).

Neurasthenia, falta de memoria, nervosismo, terrores nocturnos, insomnia, beri-beri, polluções nocturnas, dyspepsia, tontura, esgotamento nervoso, fraqueza cerebral, polynevrites, phosphaturias, paralysisa dos nervos, cansaços etc. De Abril de 1913 a esta parte, 1.223 curas do nosso pleno conhecimento!

Depositarior: SCHILLING, HILLIER & Co. Ltda.

Escritorio e Deposito: Rua 1.º de Março, 4 — Telephone Norte 821

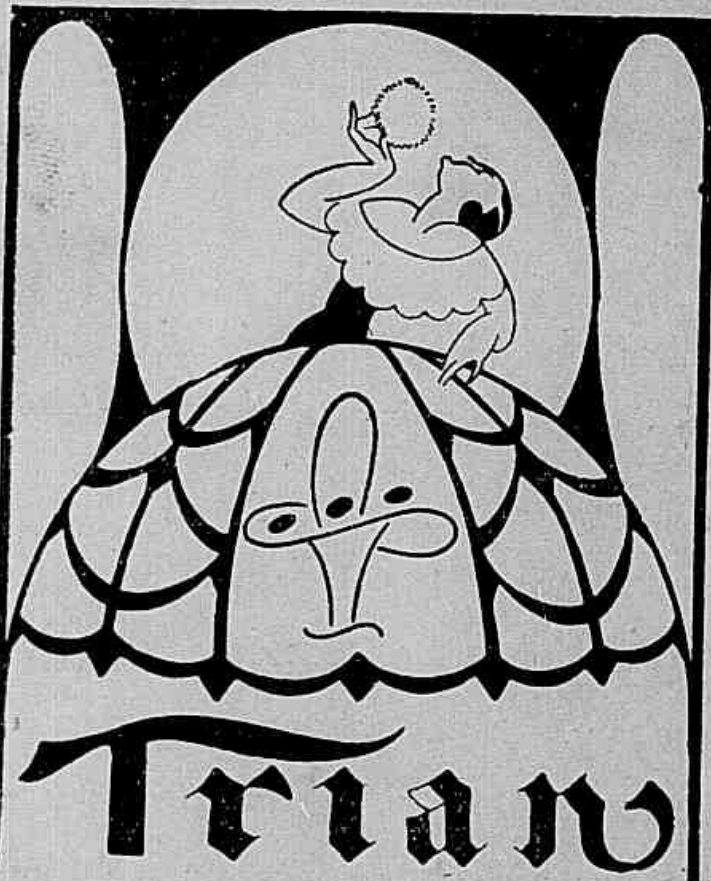


Com o uso do Biotonico Fontoura

Observa-se o seguinte:

1. — Sensível augmento de peso.
2. — Evantamente geral das forças.
3. — Desapparecimento do nervosismo.
4. — Augmento dos globulos sanguineos.
5. — Eliminação da depressão nervosa.
6. — Fortalecimento do organismo.
7. — Maior resistencia para o trabalho physico.
8. — Melhor disposição para o trabalho mental.
9. — Agradavel sensação de bem estar.
10. — Rapido restabelecimento nas convale-cenças.

App. pela D. N. S. P., em 27 - 4 - 1918, sob o N. 175



TRIAN

AGUA DE COLONIA
cara, mas superior
a todas as outras.
PÓ DE ARROZ barato
mas bom.

Por maior que seja a vacillação com que uma mulher attende á entrevista solicitada, desde o momento que ella vae, pôde-se estar certo de que accederá ao que lhe peçam. Teme-rosa a principio, cederá difficilmente, é ver-dade, mas cederá sempre; ella só foi á entre-vista para ceder e fazer a felicidade de seu amante. — Mme. de Rieux.

×

A pontualidade é uma qualidade que as mu-heres apreciam muito, e, para ellas, é uma prova de amor chegar pontualmente á entre-vista combinada. — Dufлот.

×

A mulher, em um "rendez-vous" galante, só pede amor; se lhe derdes algo de differente, sois tólo e indelicado, pois que perdeis o tempo e a occasião. — Ricord.

×

A mulher arrependida será sempre uma mixtificação para a Igreja. Se se encontrasse uma, resuscitaria corteza no Paraíso. — Balzac.

×

Sem os maridos enganados nós não conhe-heriam o theatro. O adulterio e as suas con-sequencias, tragicas ou comicas, tem sido em todos os tempos, e sel-o-ão ainda, pelos seculos dos seculos, os principaes motivos da arte dra-matica. Digámos melhor: sem os maridos en-ganados não haveria litteratura possivel. — Georges-Amand Masson.

×

As mulheres que escrevem fariam melhor em bordar. — Addison.

×

A coquetteria que sobrevive em uma mu-her á mocidade e á belleza, recorda-me um es-pantalho esquecido no campo depois da co-lheita. — Petit Senn.

×

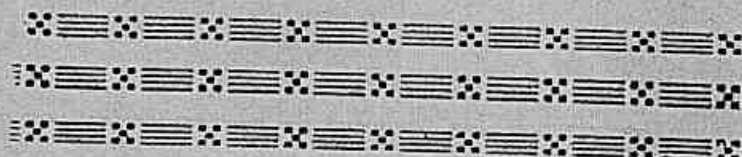
A mulher sem pudor é uma degenerada, que espesinha o sentimento natural do seu sexo. — J. J. Rousseau.

×

Quando uma mulher reina, reina o ca-pricho. — Victor-Hugo.

×

A religião das mulheres consiste de ordi-nario em servir a Deus sem desgostar ao Diabo. — Oxenstiern.



Stock permanente de machinas e material

PARA

TYPO-LITHOGRAPHIA e ENCADERNAÇÃO

Grande sortimento de typos modernos

C. FUERST & C.^{IA} L.^{TDA}

RIO DE JANEIRO

Secção Graphica: Zimmermann

Deposito: Trav. do Paço, 26 :: Escritorio: R. 1.º de Março, 12

CAIXA POSTAL 1548

Gonorrhéa e suas multiplas complicações (cystites, orchites, prostatites, etc.), Leucorrhéa (flores brancas), Metrites: cura radical em poucos dias por meio de injeções intramusculares de effeito garantido.

Dr. Luiz Sampaio

Das 10 ás 2 horas, na r. Marechal Floriano, 55 (antiga r. Larga)

Telephone Norte 5184

Das 2 ás 6 horas, na r. Rodrigo Silva, 26 : : Tel. 6181 Central

Adherbal de Souza Bastos

Despachante Aduaneiro

*Encarrega-se de despachos na Alfandega,
Colis Postaux e bagagens*

= = = Rua 1.º de Março, 95 = 1.º = = =

TEL. NORTE 3413

O PROPHYLATICO IDEAL PARA A TOILETE INTIMA
SENHORAS! Usae em vossas lavagens diarias

GYROL

EM CAIXAS COM 20 PAPEIS

Antiseptico desinfectante — Remedio efficaz nos corrimentos feudos, inflamações do utero e ovarios, dores dos ovarios, catharros do utero, colicas uterinas e na blenorragia da mulher.

PREÇO DA CAIXA 6\$000

Depositario exclusivo: **J. MEIRA** — RIO DE JANEIRO — RUA DA ALFANDEGA, 108, 2.º andar — TEL. N. 1775



Nas officinas de gravura

DA

“A MAÇA”

*executam-se com perfeição e presteza,
clichés para revistas illustradas e para
impressões commerciaes. : : : : :*

ESPECIALIDADE EM

TRICHROMIAS

*para impressão de luxo e trabalhos
- - - - - scientificos. - - - - -*

Informações directas com o director tecnico, Snr.

JOSE' PASTOR

R. do Rosario, 108 - 2.º and.

TEL. NORTE 4682

Filmando. Chronica

A cinematographia brasileira nasceu de sete mezes. Mal formada, ainda pouca resistencia póde oppor aos obstaculos naturaes, que forçosamente tem encontrado, difficultando-lhe o crescimento. As doenças infantis inevitaveis, sarampo e catapora, sejam concorrência e falta de meios, quasi a levaram ao tumulo; outras molestias a têm trazido amargurada. E assim tem ella vivido até hoje, morre não morre, hoje moribunda, amanhã resuscitada mas nunca bastante forte para poder garantir-se a sua sobrevivencia.

Quando se falla na vinda ao Brasil de uma missão cinematographica, todos julgam ser ella a salvação da misera cinematographia, que entre nós vegeta, rachitica e enfezada como planta do sertão. Para todo mundo se afigura tal missão uma providencia de que depende incontestavelmente o futuro da industria cinematographica no Brasil.

Desenganem-se, porem, os que assim pensam. Nem façam tão triste idéa da argucia e do bom senso dos norte americanos.

Com effeito, estabelecida entre nós uma empreza americana, produzindo films no Brasil, com pessoal americano, em pouco tempo aprenderiamos os seus processos, a sua arte de photographar, a sua sciencia de dirigir, e só não aprenderiamos, talvez, o seu modo de representar, pos questões de temperamento e de temperatura.

Senhores, porem, que estivessemos da arte da photographia e da technica da direcção, o que é tudo, no cinema, poderiamos em breve crear entre nós uma verdadeira cinematographia, digna deste nome.

Isto, porem, viria prejudicar certos interesses commerciaes das emprezas yankees, obriga-

das, deste modo, a lutar contra a concorrência, dentro dos nossos mercados cinematographicos. Ora, o yankee bem sabe que é impossivel lutar o producto estrangeiro, contra o nacional, quando os governantes se decidem a intervir na protecção da industria brasileira. Taxam sem conta nem medida barbaramente, escandalosamente, o producto estrangeiro; obrigam o consummidor a comprar do nacional, embora ordinarissimo, pela impossibilidade de adquirir o estrangeiro, melhor e mais barato no paiz de origem, mas que depois de atravessar as nossas alfandegas custam uma fortuna.

Assim seria com o cinema. O yankee não é burro, e, assim, não irá procurar sarna para coçar-se.

A industria cinematographica brasileira, tal como está não ha injeções que a façam desenvolver-se. Morrerá fatalmente, mais dia, menos dia, de inanición.

Se, porem o americano cahir na asneira de vir ensinar-nos a fazer fitas supportaveis, cousa pouco provavel, como vimos, não ha duvida alguma do resurgimento, ou antes, do nascimento de uma nova cinemtograaphia no Brasil e desta vez cinematographia a valer.

Os capitaes, que hoje se conservam prudentemente afastados, e com razão, animar-se-hiam, e as emprezas productoras, em pouco, se multiplicariam,

O brasileiro é naturalmente um fiteiro: nasce fiteiro, raz fitas a vida inteira, e tem sempre engatilhada uma fita para a hora da morte. Como não produzimos bons films, e em quantidade, dispondo de taes elementos, e desta tendencia congenita da nossa gente?

O cinema no Brasil, até hoje, não tem passado de "fita", pura "fita", "fita", das mais ordinarias, que desmoralizariam



qualquer productor. Venham, porem, os yankees, e verão como os desbancaremos, filmando e refilmando, inundando o mundo das fitas, que até hoje, por inhabilidade, não têm passado da Avenida, da Camara, do Senado, do Conselho, dos Quarteis, dos Ministerios, e das ruas...

Mas não! o americano não é tão burro como alguns pensam, e, sabendo-nos tão eximios imitadores de tudo, receiará, por certo, arriscar-se a tão duvidosa aventura.

E nós continuaremos a importar os films fabricados em Hollywood e Los Angeles, em San Francisco e Brooklin, e a ver uma vez ou outra, por desfastio, uma parada, duas paradas, tres paradas... da Botelho Film, da Guanabara Film, da Cascadura Film...

M.

Richardo Dix nasceu em St. Paul, no dia 18 de Julho de 1895. Douglas Fairbanks, em Denver, Colorado, a 23 de Maio de 1883.

Valentino é natural de Castel-laneto, Italia, e viu a luz do dia, (ou da noite) a 6 de Maio de 1895. Keneth Harlan nasceu no dia 29 de Julho de 1895, em Boston. Bert Lyttel nasceu em New York City a 24 de Fevereiro de 1885.

Mary Pickford tem 32 annos; Gloria Swanson 27; Mary Allison 28; Bebe Daniels 24; Jane Novak tem a idade de Gloria, e Claire Vindsor é um anno mais moça.

Charles Jones nasceu em Vincennes, Indiana, ha vinte e nove annos. Harold Lloyd tem 31 annos.

Clara Horton é filha de Brooklin onde nasceu em Junho de 1904. Lloyd Hughes é natural de Bisbel, Arizona, e tem 26 annos. E' casado com Gloria Hope. Gaston Glass é parisieuse. John Bowers



Clinica Medico Cirurgica de Doenças dos
Colons, Rectum e Anus
Tratamento especial indolor das
HEMORRHOIDAS
SEM OPERAÇÃO
DR. RAUL PITANGA DOS SANTOS
Da Faculdade de Medicina
Rua do Passeio, 56-Sob.
Cons. de 1 ás 4 horas

nasceu em Indiana. Thomas Meighan em Pittsburg, Pennsylvania. Cullen Landis tem vinte e nove annos. Ramon Novarro 24.

Robert Cary é casado com Ethel Shannon.

Mary Allison é natural de Riding Farm, Georgia; Bebe Danieles de Dallas, Texas; Gloria é de Chicago, Jane Novak de St. Louis e Claire Windsor de Cawker City, Kansas.

Gilda Gray é o nome de uma das mais novas estrellas da Paramount, recentemente descoberta por J. Lasky.

Os principaes companheiros de Alice Terry no film "Sackcloth and Searlet" foram Orville Caldwell, Dorothy Sebastian, John Miljan, Clarissa Selwynne, Kathleen Kirkhan, Jack Huff e Otto Mattrexn.

O film "Carriere" da Ufa, de Berlim, será interpretado por Xenia Desni, Alice Hechy, Jinnette Magdie, Wilhelm Dieterle, e Rudolf Klein-Rogge.

As principaes figuras do elenco da producção da paramount, "Pony Express", dirigida por James Cruze, são Betty Compson, Ernest Torrence, Ricards Cortez e Wallace Beery.

Lowell Sherman foi escolhido para interpretar o papel mais importante do film Satarrin Sables, que a Warner Brothers pretende começar agora.

Bert Lytell e Marion Nixon vão ser as principaes figuras da nova filmagem de "The Sporting Life".

Adolph Menjou vae fazer para a Paramount dois films, intitulado provisoriamente "The Grand Duchess and the Waiter" e "The King of Main Street".

DR. PAPAFIGA



ADEUS RUGAS

3.000 dollares de premios se ellas não desaparecerem
A mulher em toda a idade póde se rejuvenescer e se embellezar. — E' facil obter-se a prova em vosso proprio rosto e em pouco tempo.

EXPERIMENTAE HOJE MESMO O "RUGOL"

Creme scientifico, preparado segundo o celebre processo da famosa doutora de belleza, mlle. Dort Leguy, que alcançou o primeiro premio no Concurso Internacional de Productos de Toilette.

RUGOL — Opera em vosso rosto uma verdadeira transformação, vos embelleza e vos rejuvenesce ao mesmo tempo.

RUGOL — Differe completamente dos outros cremes, sobretudo pela sua acção sub-cutanea, sendo absorvido pelos póros da pelle os preciosos alimentos dermicos que entram na sua composição.

RUGOL — Evita e previne as rugas precoces e pés de gallinha e faz desaparecer as sardas, pannos, espinhas, cravos, manchas, etc.

RUGOL — Não engordura a pelle. Não contém drogas nocivas. E' absolutamente inoffensivo. Até uma criança recém-nascida poderá usal-o.

RUGOL — Dá uma vida nova á epiderme flacida, porosa e fatigada, emprestando-lhe a apparencia real da juventude.

GARANTIA ! — Mlle. Leguy pagará mil dollares a quem provar que ella não tirou completamente as suas proprias rugas com duas semanas de tratamento apenas.

Mlle. Leguy offerece mil dollares, a quem provar que ella não possui oito medalhas de ouro ganhas em diversas exposições pela sua maravilhosa descoberta.

Mlle. Leguy pagará ainda mil dollares a quem provar que os seus attestados de curas não são espontaneos e authenticos.

AVISO — Depois desta maravilhosa descoberta, innumeros imitadores têm apparecido de todas as partes do mundo. Por isso prevenimos ao publico que não acceite substitutos, exigindo sempre:

RUGOL

Mme. Herry Vigier, escreve:

"Meu marido, que em sua qualidade de medico, é muito descrente por toda a sorte de remedios, ficou agradavelmente surprehendido com os resultados que obtive com o uso do RUGOL e por isso tambem assigna o attestado que junto lhe envio.

Mme Souza Valence, escreve:

"Eu vivia desesperada com as malditas rugas que me afeiavam o rosto e depois de usar muitos cremes annunciados, comeei a fazer o tratamento pelo RUGOL obtendo a desaparição não só das rugas, como das manchas, modificando a minha physionomia a ponto de provocar a curiosidade e admiração das pessoas que me conheciam".

Encontra-se nas boas pharmacias, drogarias e perfumarias. Se v. s. não encontrar RUGOL no seu fornecedor, queira cortar o coupon abaixo e nos mandar que immediatamente lhe remetteremos um pote.

Unicos cessionarios para a America do Sul : — ALVIM & FREITAS, rua do Carmo, 11 - sob. — Caixa, 1379. — S. Paulo.

COUPON

A. M. SRS. ALVIM & FREITAS, caixa, 1379 — S. Paulo:

Junto remetto-lhes um vale postal da quantia de 15\$000, afim de que me seja enviado pelo correio um pote de RUGOL:

NOME.....

RUA.....

CIDADE.....

ESTADO.....

=====

Elvira põe-me espantado:
Não conhece do A B C
Nem uma letra sequer,
E, no entanto, Elvira lê...
Nos olhos do namorado
Todo bem que este lhe quer.

Belmiro Braga

=====



=====

As mulheres que têm fama de honradas, castas e virtuosas, só a merecem, na sua maioria, porque ninguem lhes pediu nada, ou comprehendeu o que ellas offereçiam. — Crebillon Filho.

=====

A última palavra
em
Sedas
modernas!

Eximio e deslumbrante
sortimento de Sedas
em exposição na

Notre Dame
de Paris

182 OUVIDOR

DIRECTOR-CONSELHEIRO X'X.

N. 187 == ANNO IV

Rio de Janeiro, 5 de Setembro de 1925

O INFERNO DE DANTE

(CANTO XXXV, QUE O POETA NÃO ESCREVEU)

Estranha pallidez meu rosto ungia.
Indizível terror me entrava os ossos
Ante a serenidade do meu guia.

Da escura guéla dos profundos fóssoz
Soturna procissão subia, horrenda;
E Vergilio me disse: "São dos nossos !

"Aquelle que alli vês era Clemente
Da Pistóia. Discipulo de Roma,
Era servo de Deus, sinceramente.

"A Luxuria, entretanto, um dia, o toma.
Mulheres perverteu; e tomou nove,
Qual se fosse devoto de Mafoma.

"Aquelle outro, que vem, e que se move,
E' Pietro de Bertona. Abbade antigo
Mostra o que soffre quem a carne prove.

"Nesta cava infernal, que vês commigo,
Jazem elles, eterno, torturados
Pela vil condição do seu castigo.

"Vivem elles, aqui, todos trajados
De sotainas de bronze resonante,
Repetindo, na pena, os seus peccados.

"Resta, n'elles, a carne, palpitante,
Q e revive, num subito dezejo,
Que os fustiga, de novo, a cada instante..."

Nesse momento, como ao som de um beijo,
O espaço estremeceu... Movendo a perna,
Erguem-se os condemnados, num adejo.

Ouvem-se vozes. A paixão se externa
Em suspiros e gritos repentinos...
Gemem as sombras... E enche-se a caverna

De um longo e longo repicar de sinos !

CONSELHEIRO X. X.



BILAC HUMORISTA

O PRAXEDES

VERSOS DE PUCK (1897)

OLAVO BILAC

(PUCK)

Foi Praxedes Christiano
A' Capital Federal:
Levou a mulher, o mano
E a filha. E, ao cabo de um anno,
Regressa ao torrão natal.

Regressa... Vão esperal-o,
Com festas e rapanês,
Os amigos, a cavallo.
Queimam-se bichas de estalo,
Foguetes e busca-pés.

Praxedes, guapo e pachola,
Vem transformado e feliz:
Traz polainas e cartola,
E guarda-chuva de mola,
E botinas de verniz.

A mulher, gorda matrona,
E' aquillo que se vê:
— Vem que parece uma dona!
— Vestido côr de azeitona
Sahido do Raunier...

Depois do almoço, se ajunta
Toda a gente principal;
E, depois de toda junta,
— O que ha de novo, pergunta,
Na Capital Federal?

Praxedes — impa de orgulho,
E principia a fallar:
"Ah que vida! que barulho!
No Rio, este mez de julho
E' mesmo um mez de escachar!"

Praxedes falla de tudo,
Sem cousa alguma esquecer;
Todo o auditorio pelludo
Fica tonto, fica mudo
E de tudo quer saber.

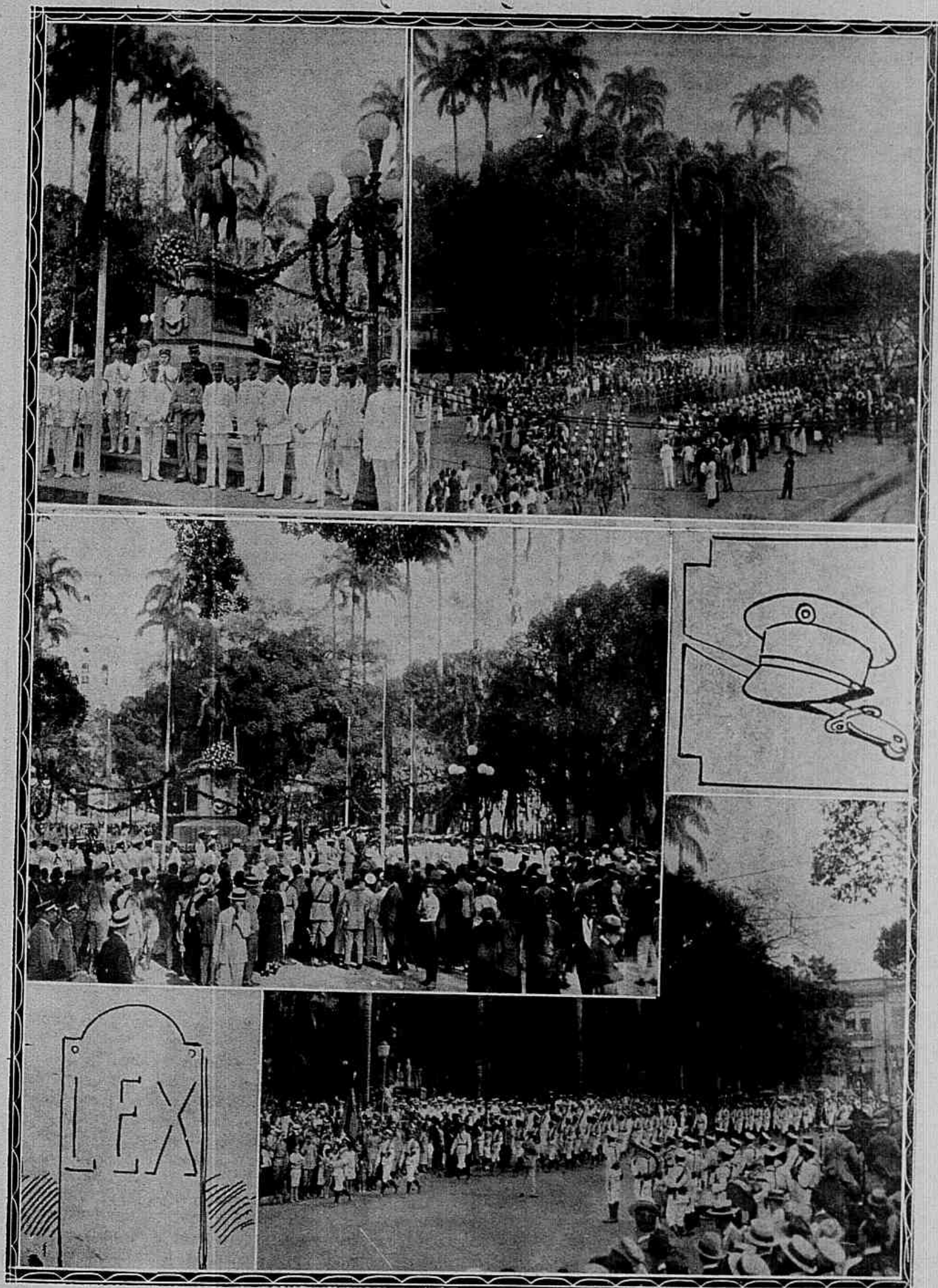
Nisto o velho boticario,
Sujeito de distincção,
Que idolátra o Formulario
E é gloria do campanario,
Põe em campo esta questão:

— "Já que tanta cousa viste,
Praxedes, dize-me cá:
Dizem, não sei se por chiste
Ou por maldade, que existe
Muita syphilis por lá..."

— "E' pura intriga, "seu" Ramos!
(Diz o Praxedes) que quer?
Um anno por lá passámos...
E nada disso apanhámos,
Nem eu nem minha mulher!"

Comemorações cívico-militares

HOMENAGENS AO DUQUE DE CAXIAS



O exercito e o povo brasileiros commemoraram festivamente o centenario do nascimento de Caxias, o grande e valoroso soldado do Imperio. Na gravura veem-se: 1 — officiaes do Exercito, em frente á estatua do glorioso heróe nacional; 2 — desfile de tropas, em continencia a Caxias; 3 — O povo, assistindo o desfile das tropas de terra, deante da estatua; 4 — Um batalhão de infantaria, desfilando após a continencia.

A FORÇA DO HABITO POR MENDES FRADIQUE

Jorge Salim, arabe de nascimento e negociante de profissão, é um dos melhores clientes que o Dr. Joaquim de Paula Faria conta na laboriosa colonia syria. Toda a gente que já teve relações commerciaes com um patricio do Sr. Salim, conhece de sobejo a maneira por que esses pacatos asiaticos mercam a sua fazenda.

O syrio tem o pavor do encalhe: elle prefere

O "amigo do homem"



— A senhora p'sseia na Avenida com tamanho cachorro?

— Porque não? Eu vou na frente e elle vae atraz.

— E não vae muita gente atraz do cachorro?

vender hoje com prejuizo a esperar até amanhã melhores negocios, sob o risco de encalhar a mercadoria.

De caracter quasi sempre honrado, elles acceitam com facilidade o phenomeno do credito, donde o processo, tão commum entre os syrios, das ven-

das e compras a prestações, processo este que elles usam mesmo em relação a generos alienaveis e de consumo immediato.

Habituaados á vida rudimentarissima da Asia Menor, fumada pacientemente á sombra de uma tamareira e á sombra do protectorado francez, o arabe contenta-se com pouco, alimenta-se com frugalidade, veste-se com parcimonia. Assim, quando elle sente roerem-lhe o instincto a cubica e a ambição, é ainda moderado nos seus calculos; e uma pequena parcella de lucro, que para um occidental seria "quantité negligeeable", para elle é motivo de viva disputa e de cerrada defesa.

O arabe ganha um mil réis com a mesma volupia especulativa com que o norte-americano abocanha mil dollares. Dahi a apparente avareza com que elle regateia o pagamento do que compra e abate o preço do que vende.

Quando um arabe compra um cento de maçãs por preço normal, tem sempre um arrepio de refinada delicia, se o vendedor lhe der de quebra uma maçã. Esta fruta, pela qual elle não pagou coisa alguma, cresce-lhe aos olhos asiaticos como o maior successo de sua empresa, como um começo de independencia.

Quando um arabe compra, procura abaixar, pelo abatimento de quantias irrisorias, a importancia de seu debito; chegando ao minimo do preço, vendo que não pôde mais poupar-se ao dinheiro que vae dar, elle ap'lla para a mercadoria a receber, tentando accrescel-a de addições não menos ridiculas.

Todavia, o arabe já máis faltou ao cumprimento de seus deveres commerciaes, gosando da fama de bom negociante.

* * *

Ora, Jorge Salim que, como disse, é um dos mais queridos clientes do Sr. Joaquim de Paula Faria, entrou para a clientela deste facultativo de um modo assáz original, e caracteristico.

Emboecando pelo consultorio do medico, o meu Salim expôz a historia de seus soffrimentos, passando em seguida a ser detido e rigorosamente examinado.

Concluida a pachorrenta consulta, o Dr. Paula Faria entrega ao doente a receita, fornece verbalmente algumas instrucções, e fica na attitude de quem espera pelos fôgos.

O syrio, intelligente e o honrado, pergunta quanto lhe deve.

— Trinta mil réis — fez o medico.

— Mas zeu dôtor, eu não bôde bago 30\$ bró zinhôr! Dem bazienza! Deixa bur 20\$500, eu denho gardoze greança! Dem bazienza, vaz vavor.

O medico, amolado, rematou:

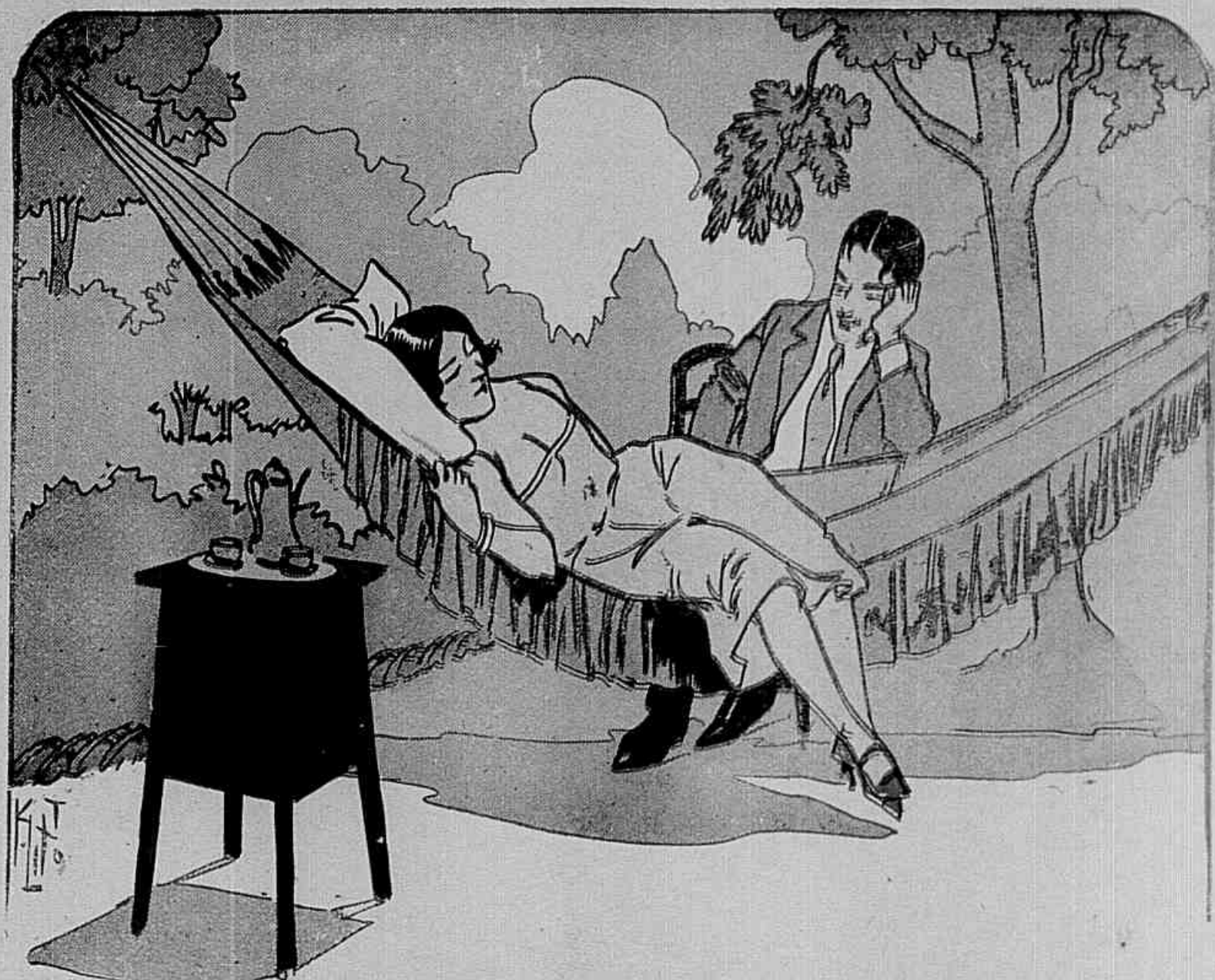
— Pois então não pague nada.

O arabe sentiu-se humilhado com o exaggero do medico, e fez questão de pagar: mas ainda tentou um abatimento; vendo porém que aquillo não era artigo que se pudesse regatear, tirou do bolso da calça uma bolada, contou e separou 30\$000, entregou-os, vencido, ao medico, arriscando ainda o seguinte appello:

— Dôtor, eu bago os trinta mil réis; mas, dem bazienza, me examina mais um bocadino...

M E N D E S F R A D I Q U E

BOATOS OFFENSIVOS



ELLA — Sim, estou zangada, e é natural. Você não anda dizendo que está doido para me ver pelas costas?

ALCOVA DOS POETAS

ALTAR SEM DEUS POR LUIZ DELFINO



Inda não voltas? — Como a vida salta
Destes quadros de esplendidas molduras:
Mulheres nuas, raras formosuras...
Só a tua nudez entre ellas falta.

Pede-te o espelho de armação tão alta,
Onde revias tuas formas puras;
Pedem-te as cegas, lubricas alvuras
Do linho, que a paixão no leito exalta.



Pedem-te os vasos cheios de perfume,
Os dunkerques, as mesas, as cortinas,
Tudo quanto a mulher de bom resume,

Escolhido por suas mãos divinas...
E sae de teu altar vazio, ó nune!
A tristeza indizível das ruínas...

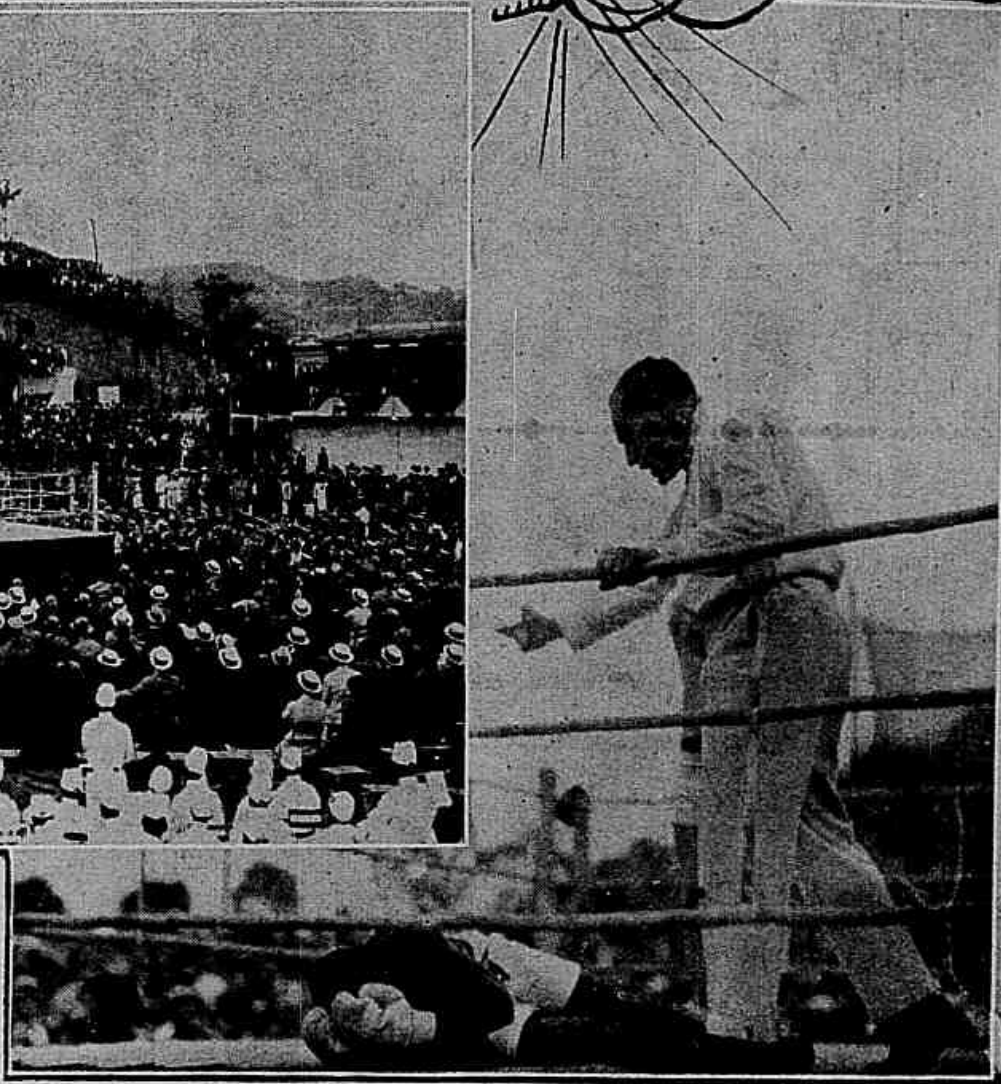
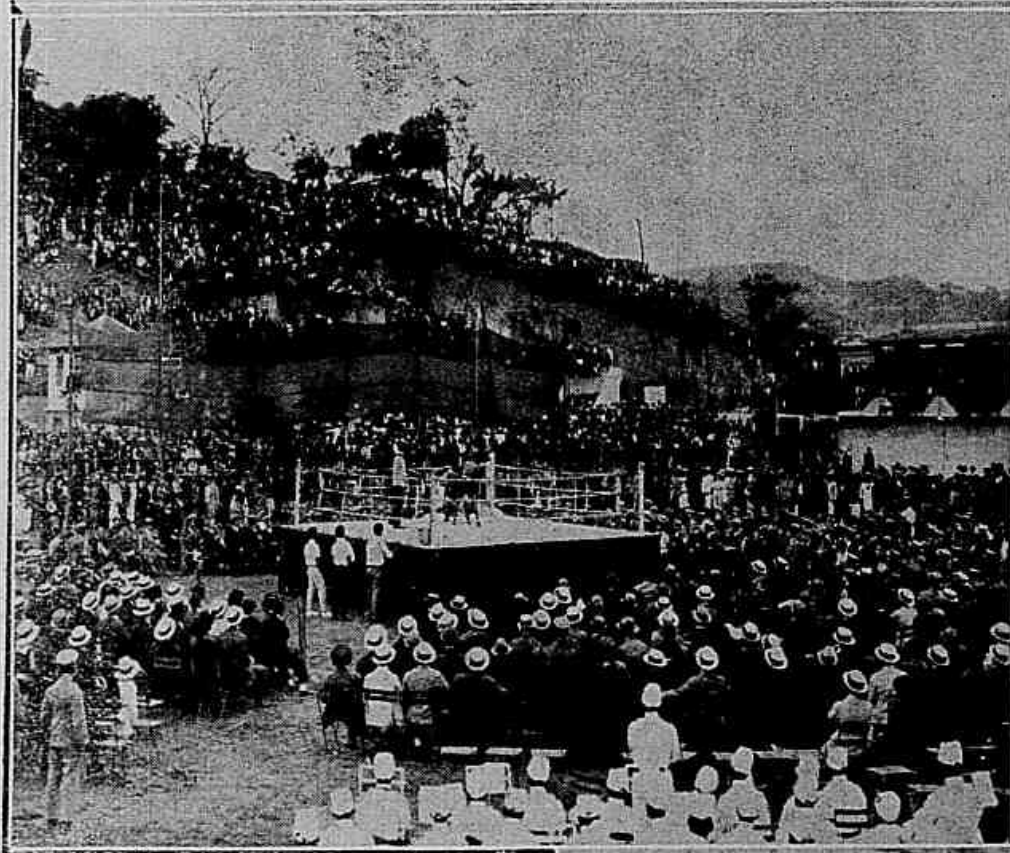
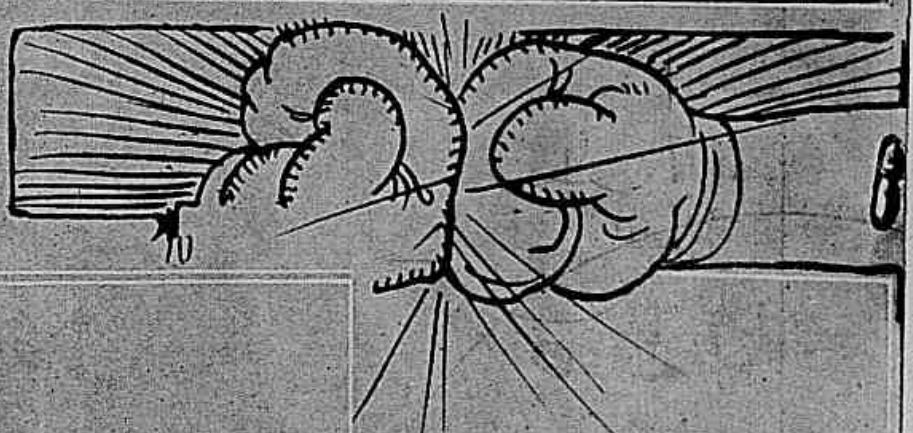
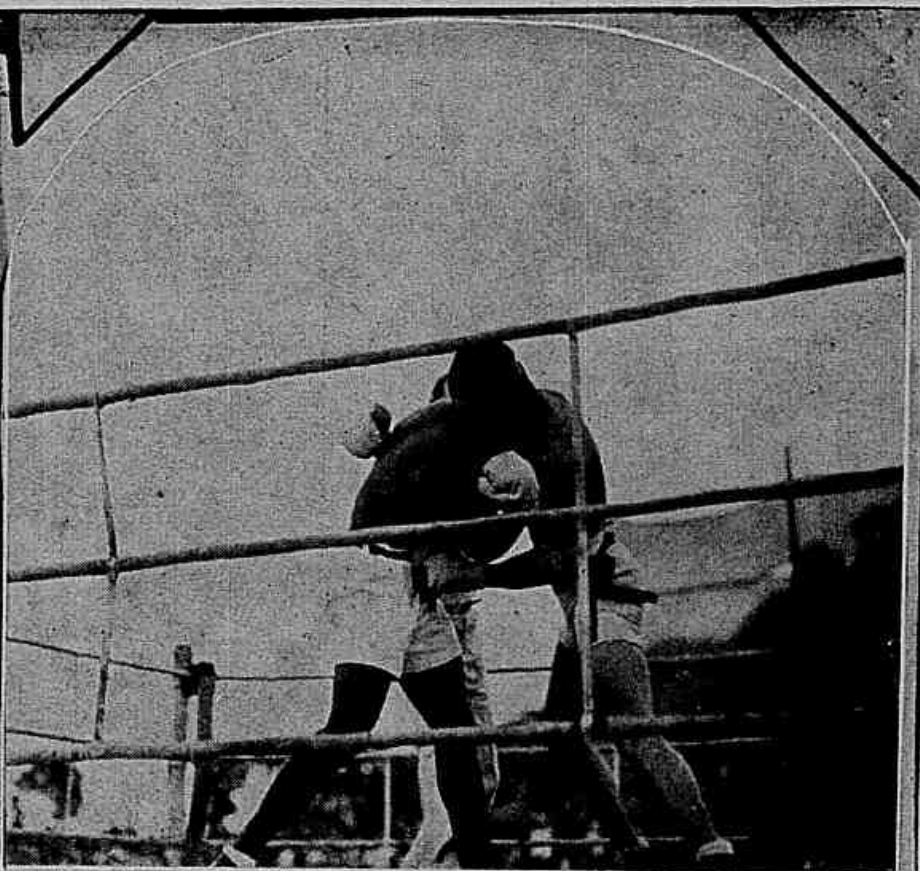
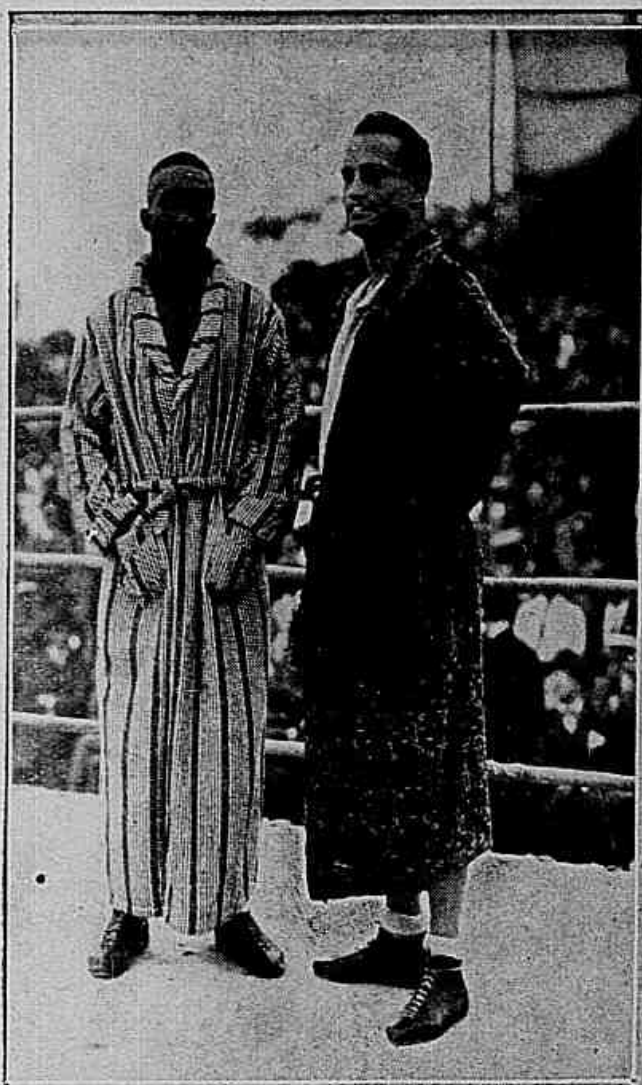


LUIZ DELFINO



Chronica photographica da cidade

UM "MATCH" DE "BOX" NO RIO



Com apreciavel concorrência de entusiastas e simples curiosos, realizou-se o "match" da "nobre arte" entre Tavares Crespo, campeão portuguez, e Goes Netto, jogador brasileiro, que foi vencido. Na gravura, veem-se: 1-- Goes Netto e Tavares Crespo, promptos para entrar em luta; 2-- Instantaneo apanhado no 2.º "round"; 3-- Os espectadores, dentro do "stadium" e nas cercanias; 4-- Goes Netto, estirado no "rink", no 4.º "round", quando tombou vencido.

SETE DE SETEMBRO

— POR —

*João VI
Cartas do Rei
de D. Pedro*

BASTOS TIGRE

Foi nas risonhas margens do Ypiranga,
Ao que me diz da Historia o claro texto,
Que o filho do monarcha D. João VI
Retirou do Brasil pesada canga.

Cartas do Rei sobre a Colonia. Zanga
De D. Pedro ao saber-lhes do contexto:
— De El-Rei Senhor meu pae não sou capanga,
Faço-me Imperador! è um bom pretexto.

E sôlta a grande frase em desaggravo:
— Independencia ou Morte! e em consequencia
Torna-se em povo livre um povo escravo.

Patria! hoje és grande, e nadas na opulencia,
E's mais feliz do que eu que ha muito cavo,
Sem resultado, a minha "independencia"!

BASTOS TIGRE

PAGINAS ESQUECIDAS (1897)

A COSTURA CONTO DE GUIMARÃES PASSOS (TIM)

Tão bonita, tão bem feita, dona de tão lindos olhos e de tão formoso sorriso, a Maroca, — mas tão tola!... Aos desesete annos tinha a ingenuidade das creanças de mamma: e o seu coração só entendia o amor dos gatos, das bonecas, de quantos brinquedos innocentes podem interessar a alma de uma creança. A mãe, lavadeira e engommadeira de fama, dizia sempre ao seu compadre e visinho Manoel Tezoura, alfaiate do bairro:

— Olhe, compadrel! isto é que não me dá trabalho nenhum: a pobre pequena nem sabe o que é namorar! Quando a deixo em casa com o irmão pequeno, saio com a alma tão tranquilla como se a deixasse guardada por todo um batalhão... Virtude e innocencia até alli, compadrel!

E o Manoel Tezoura, piscando o olho, respondia:

— Assim é que ellas se querem, comadre: assim é que ellas se querem... Isto de raparigas, — quanto mais sabidas, mais difficeis de guardar. .

De facto, quando a velha ia ao rio lavar a sua roupa, a Maroca ficava sosinha brincando com o irmão, o Antonio, que só tinha seis annos. E tão innocente era ella como elle. E, ás vezes, o Manoel Tezoura vinha alli passar um bocinho de tempo, a conversar com a



rapariga, e trazia a sua agulha, as suas fazendas, e as suas linhas, e ficava a admirar aquella mocidade e aquella innocencia.

E foi um dia, a velha lavadeira, ao voltar do rio com a roupa molhada, achou em casa sosinho o pequenino, que dormia. Chamou:

— Maroca! Maroca!

Nada... Saliu, foi á casa do alfaiate, baten á porta:

— Compadre!... Compadre!

Nada... Já preocupada, voltou a casa, accordou o Antonio.

— Que é da mana, filho?

E o pequeno, estremunhado:

— Mana saiu, foi-se embora com seu Manoel... Seu Manoel coseu ella, coseu, coseu, e depois disse a ella que era mais melhor ir-se embora juntos, porque mamãe não ha ia de gostar de ver ella cosida...

— Cosida? como foi que seu Manoel podia coser a mana, filho?

— Coseu, mamãe, coseu bem cosida, sim senhora. Coseu bem cosida! Até seu Manoel coseu ella com dois novellos de linha!

GUIMARÃES PASSOS

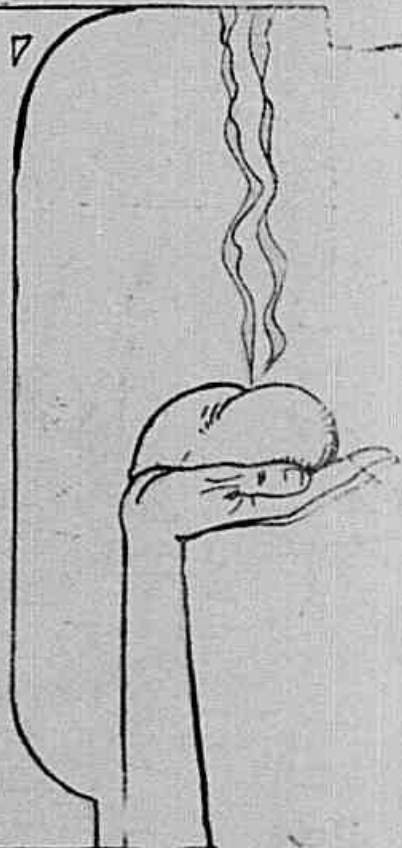
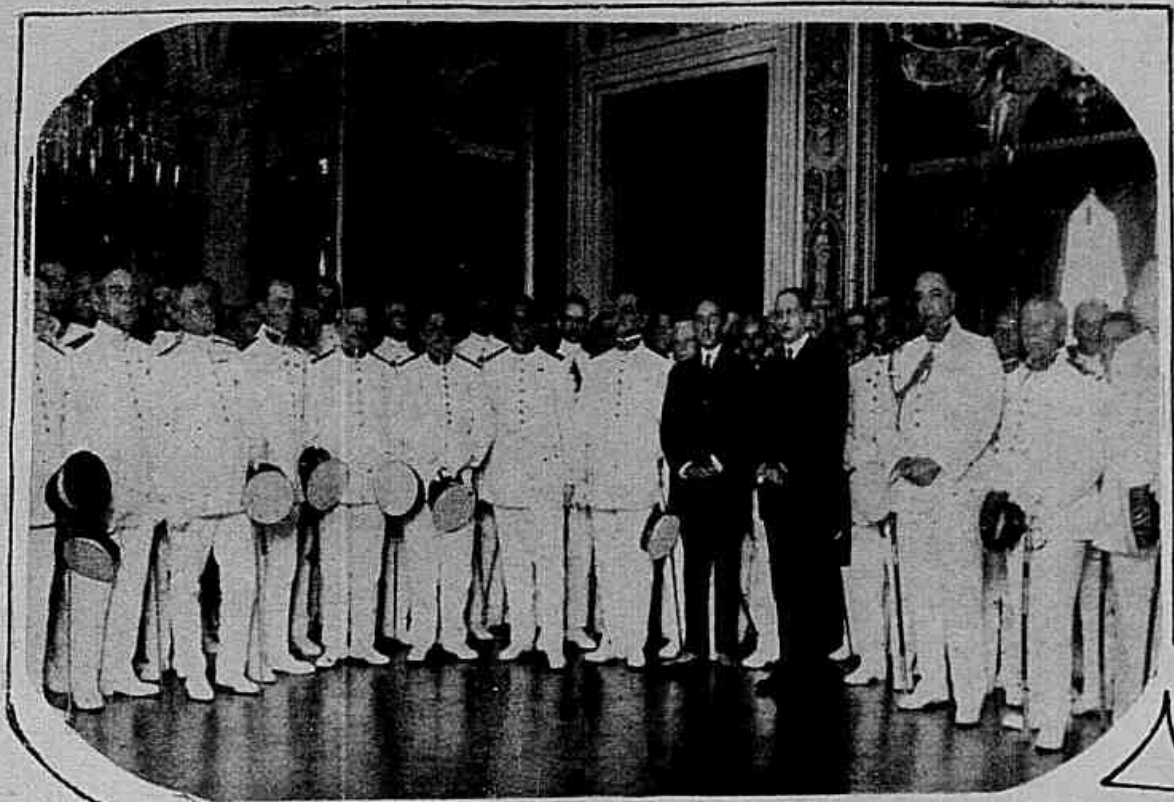
O MYSTERIO DAS EXPRESSÕES



ELLE — Ah! comprehendo... E' por isso, então, que se diz que o marido é a «cabeça» do casal?

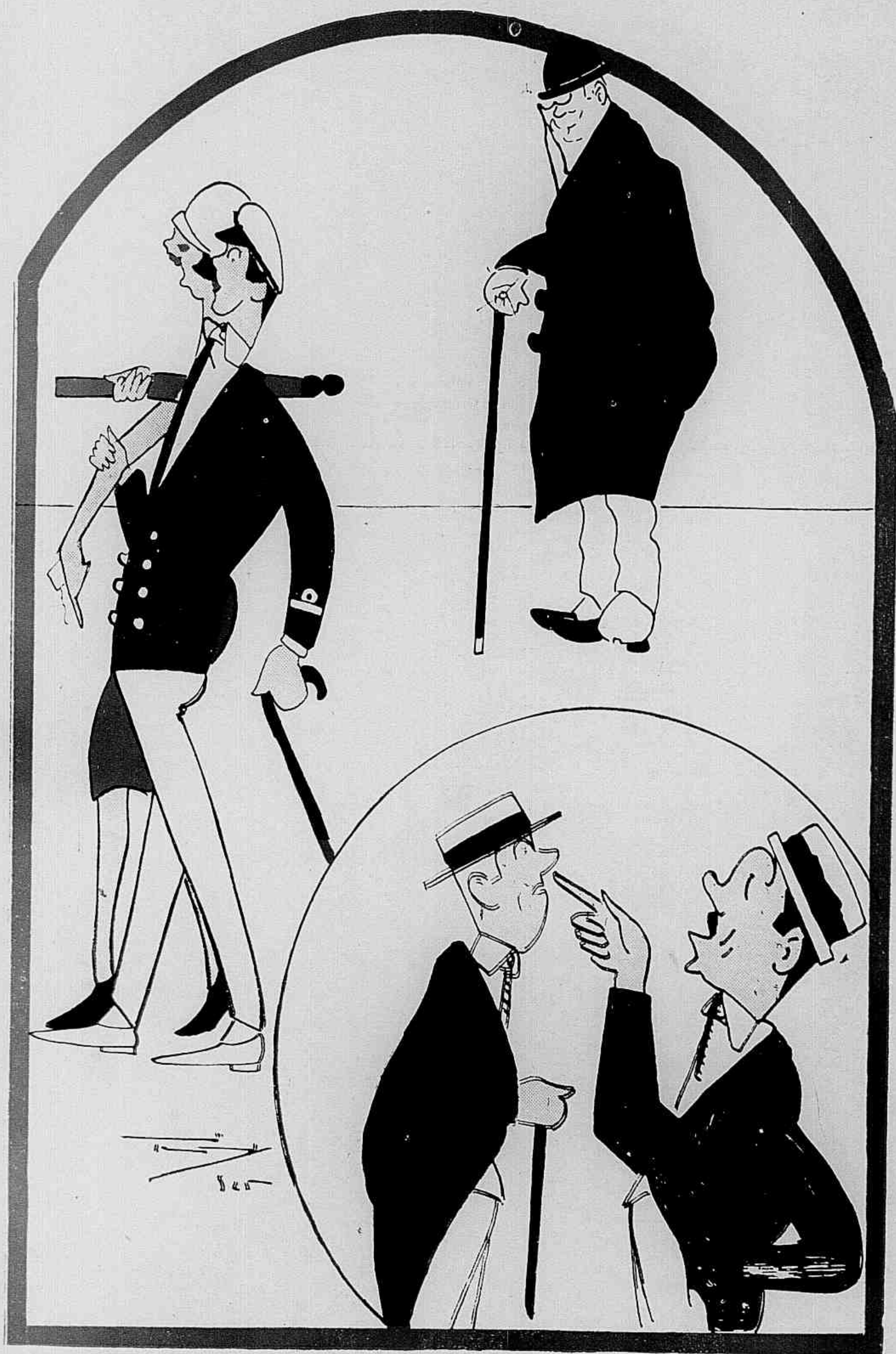
Chronica photographica da cidade

ASSUMPTOS DA SEMANA



1 — A officialidade da guarnição da Capital, tendo a frente os seus generaes, em visita de cumprimento ao sr. Presidente da Republica no dia commemorativo do nascimento de Caxias. 2 — Chá no Automovel-Club, ponto de reunião mundana da alta sociedade carioca. 3 — Festa em beneficio do Asylo de Nossa Senhora de Pompéa, destinada a soccorrer os filhos dos sentenciados, vendo-se os seus promotores e as pessoas que nella tomaram parte.

FORÇAS ARMADAS... E DESARMADAS



— E' o que lhe digo, meu velho! Para as mulheres, o que vale é o tenente; todo "coronel", para ellas, é da "reserva"!

Bilac Humorístico
1897

O PARAISO POR BOB

A pallda Romana
E' uma formosa dama,
Moça e cheia de encantos:
Tem a graça e a malicia do Demônio...
E aos vinte annos uniu-se em matrimonio
Ao Chilperico Santos.

Ornou-lhe a fronte de gentis folhadas...
E quando elle, entre as gentes assustadas,
Passava assim, — que sustos e que espantos!
Por fim, morreu... que pena!
— E a viuva, serena,
Casou de novo... com Silverio Santos

Faz o mesmo ao segundo que ao primeiro
E, louca, o mundo inteiro
Andava namorando pelos cantos...
Elle morreu. E a pallida senhora,
Serena como oufr'ora,
Casou... com Hermes Santos.

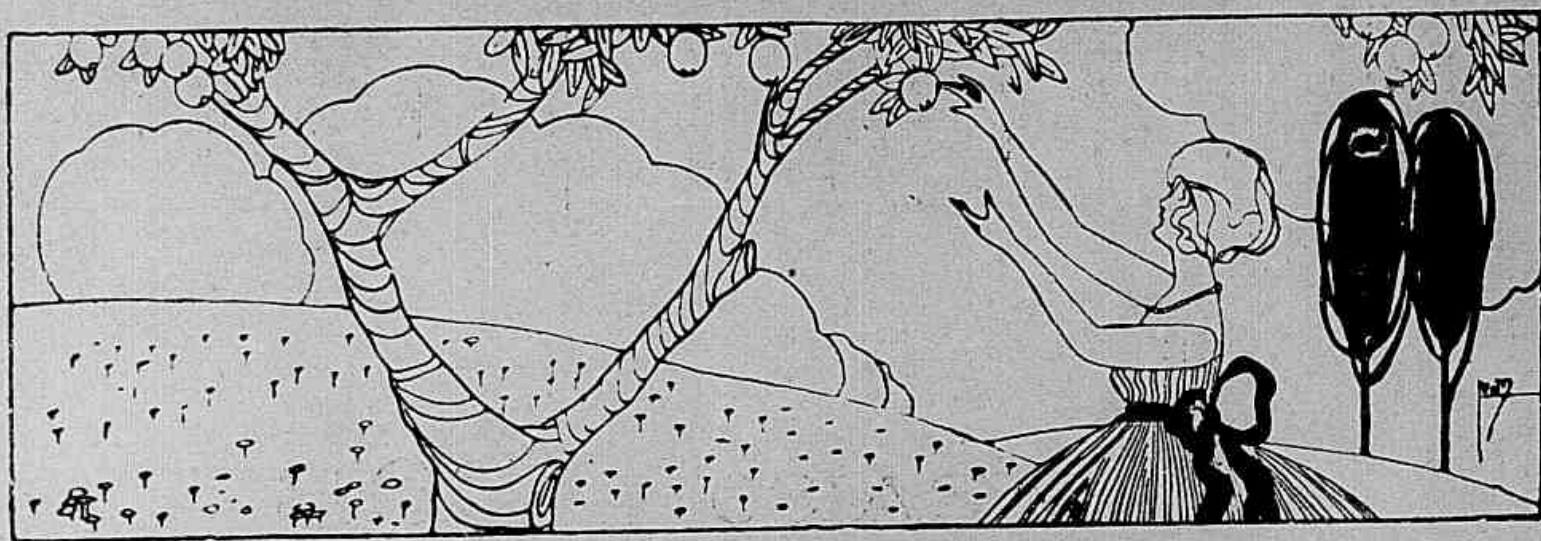
Fez ao terceiro o mesmo que ao segundo...
Depois d'elle casou com Segismundo
Santos... Depois, sem luctos e sem prantos,
Sem se lembrar dos pobres fallecidos,
Foi tendo por maridos
Uns onze ou doze Santos!

Ninguém jamais teve maridos tantos
Mulher nenhuma teve menos sizo!
— E por ter enganado a tantos Santos,
Quasi, com os seus encantos,
Converteu num curral o Paraizo...

OLAVO BILAC



*ideal regime
dos que produzem
e são úteis*



OS MESTRES DA GALANTERIA

O CAMPO E A ALCOVA POR MEDEIROS E ALBUQUERQUE

Amores simples dos campos, como eu os evoco sem inveja! Tantas vezes tenho lido as descrições dos que vos exaltam e ellas me deixam absolutamente frio.

A moça dos campos, o rapaz dos campos, correndo, alegres, lado a lado, e enfim um dia, deitados na relva fresca, gozando os prazeres supremos do amor, são apenas livres e soltos animaes. Essa mesma camponeza, de faces coloridas pelo sangue sadio e forte, será, vista de perto, uma cousa sem graça e sem delicadeza.

★ ★

E eu evoco meu amplo quarto em longes terras polidas, quarto de que as paredes eram forradas de seda vermelha, de que o chão era atapetado de tapetes de fios longos, macios, felpudos, setinosos. Lembro o leito acolhedor, com os seus metaes que luziam. Lembro a lareira, onde nos dias de inverno o fogo crepitava, rubro. Lembro as flores caras nos jarrões de fino lavor.

E na minha memoria vejo, seduzidas, encantadas, as que ahi entravam.

Era um prazer para ellas despir-se naquelle ambiente tepido. Tudo o que as cercava lhes dizia: "Ama! Goza!" E ellas se despiam preguiçosamente.

Vejo-as tirando peça por peça todo o vestuario: peliças caras, sedas, baptistes finissimas... A's vezes, de tudo aquillo que sobre o corpo parecia tanta cousa, ficava apenas um montinho de trapinhos perfumados, posto sobre uma cadeira.

E vejo-as, por fim, no gesto gracioso de desabotoar as botinas delicadas, de retirar as finas meias...

Que restava? Restava apenas uma camisa, uma vaga teia de seda transparente. Essa mesmo...

★ ★

Campos em flôr, os mais bellos, os mais floridos, como seriam asperos e grosseiros

junto daquillo! Raparigas do sertão, sadias e frescas, como seriam brutaes e mal polidas deante daquelles mimos da civilização. E as proprias flores sylvestres, como fariam má figura deante das flores das cidades, cuidadas, preparadas, enfeixadas com gosto e arte.

★ ★

Amores simples dos campos, como eu os evoco sem inveja!

★ ★

E porque os tapetes do meu quarto, tão felpudos e tão bem batidos, não tinham visivelmente, nem um grão de poeira, e eram doces, tepidos, cariciosos, não raro as que sahiam do aconchego do leito, nelles se deitavam, se espreguiçavam como felinos languidos, brincando com prazer. Ao lado de algumas, eu ficava nos dias de inverno olhando a lareira, onde as pequenas achas de uma madeira bem sequinha, crepitavam em labaredas alegres, labaredas ora rubras, ora amarellas, sangue e ouro.

E era uma alegria.

A que eu de veras amei, como eu a lembro, pequeninha e delicada, deitada nessa relva de fios de seda rubra, muito mais macia que as grammas dos campos!

Vejo-a, flôr de luxo, flôr de civilização, de que era um encanto ir de belleza em belleza, de vagar, cobrindo-as de beijos.

Vejo-lhe os pés pequeninos. Pouco importa saber a que poderiam ser comparados: a lyrios, a jasmims, a qualquer outra cousa branca e fina... Não eram pés para ser postos no chão. Eram feitos para o ninho das meias de seda, para os sapatos macios e airosos. Cada unha, que a pedicura tratara longamente, e fizera luzir, parecia uma pequena petala de rosa. E o pésinho, que dava, quando eu o tinha inteiro dentro das minhas mãos, a impressão de quem pega uma rôla ou uma jurity, podia ser mirado da sola aos tornozelos delicadissimos.

O CAMPO E A ALCOVA POR MEDEIROS E ALBUQUERQUE

Pés nervosos e léstos, das mais ageis camponezas, como vós sois indignos de pisar tapetes caros.

Lembro de minha amante as pernas de curvas airozas, que a chimica sabia dos depilatorios despira dos mais pequenos pêlos, que os cosmeticos unctuosos e perfumados tinham penetrado de sua maciez e do seu aroma e que se haviam tornado por isso marmores vivos e tepidos de uma granulação divina, que nada maculava.

Camponezas, camponezas, animaes sadios e ageis, qual de vós, mesmo a mais moça e formosa, teria essa belleza cuidada e artistica, que era o resultado de toda uma série de artes e de sciencias! ?

★ ★

E, inteirinho, o corpo da que eu amava era, assim, um producto sublime da civilização, posto ao serviço de uma belleza. Toda uma legião de escravos — a pedicura, a manicura, a massagista, o perfumista e outros e outros — toda uma legião de escravos trabalhara, para lhe conservar, lhe augmentar, lhe pôr em realce cada uma das perfeições.

Um barbaro olharia rapidamente para aquelle corpinho despido deitado sobre um tapete e não seria capaz de lhe dar o valor que elle tinha. A seu lado, beijando-a e aspirando-a, eu pensava em quantos seculos tinham sido precisos para afinar e emmoldurar aquella creaturinha.

★ ★

Amores simples dos campos, como eu vos evoco sem inveja!

Nos campos, á crua luz dos ceus claros, eu seria um velho ridiculo. Alli, no calor gostoso do meu quarto, eu não tinha idade: era

um homem que amava, um apreciador meticoloso da belleza feminina, um sabedor erudito de todas as fórmulas de prazer.

A's vezes, em dias de grandes frios, apagavamos as luzes do quarto e levantavamos as cortinas das janellas. Atravez dos vidros claros, enquanto nos aconchegavamos sob o edredon delicioso, viamos lá fóra cair a neve em pétalas brancas, cair de leve, cair de manso, cair silenciosamente, numa visão de encanto fantastico.

E era um prazer sentir que, assim que o quizessemos, teriamos, para nos servir, a luz e o calor, á nossa vontade, tanto quanto o desejássemos.

★ ★

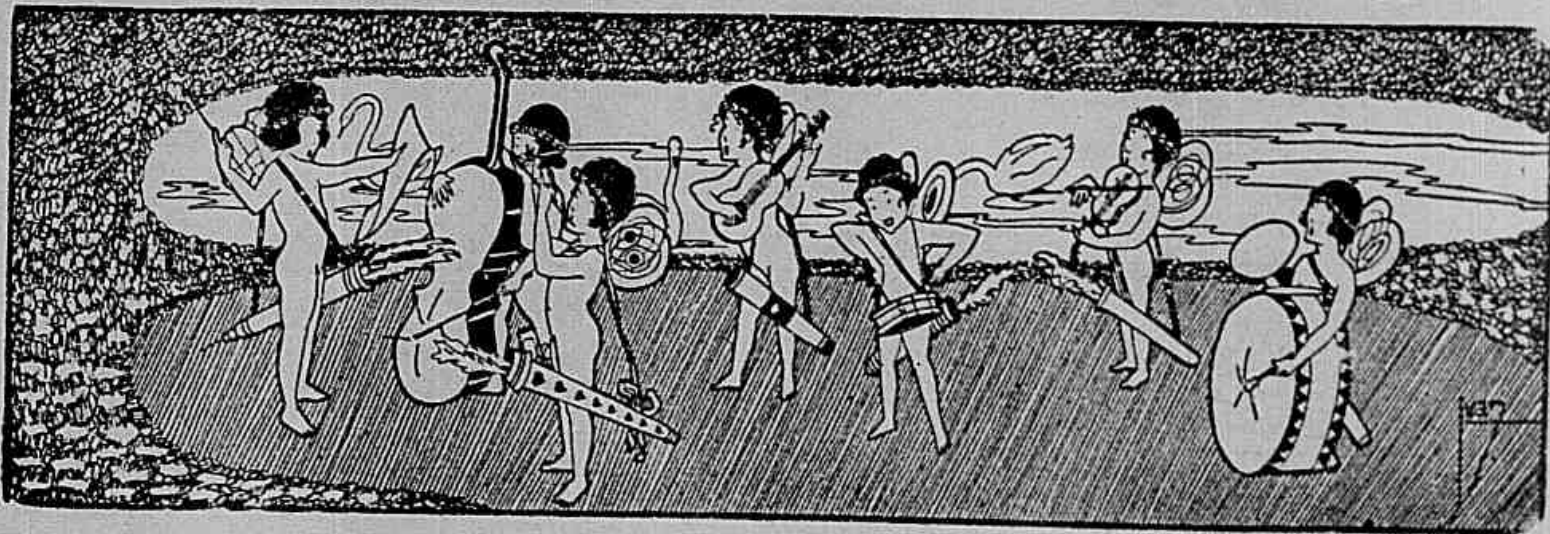
Não raro, quando eu olhava a lareira, uma acha de lenha quasi a acabar-se, despedindo inda assim uma labareda alta e rubra, parecia gritar-me: "Faze como eu! Pouco tambem me resta de vida. Mas esse pouco, eu o deixo consumir-se alegremente nesta chamma ora dourada, ora vermelha! Mata-te, mas mata-te de prazer!"

Não te sintas velho, que não o serás. Ama e goza! Dentro em pouco tu e eu teremos morrido: ou serei cinza, tu serás podridão. Mas antes disso, até o ultimo momento, procura amar, procura gozar! Tudo mais é mentira!"

E eu sentia que a acha de lenha, quasi a acabar, tinha razão...

Da cidade immensa vinha um conselho analogo, um conselho de gozo. Da creaturinha que eu tinha a meu lado subia a mesma tentação. Mas tudo isso só tinha sabor e graça na moldura daquellas paredes forradas de seda, na moldura daquelle quarto atapetado caramente, junto daquellas flores enfeixadas com esmero e arte, junto daquelle corpinho que era elle mesmo um mimo artistico, um requinte de civilização...

MEDEIROS E ALBUQUERQUE



HUMORISTAS FRANCEZES



UM BELLO CÓLLO POR

GEORGES DOLLEY

(Trad. d'A MAÇÃ)

I

O dr. Tamieux passeiava a grandes passadas no seu gabinete de consulta, as mãos escondidas nos bolsos do avental. E se passeiava assim, não era para reflectir, para resolver algum grave problema da vida, mas para combater o frio que vinha da chaminé apagada.

O creado entra, e annuncia:

— Madame Begat.

— Faça-a entrar.

Mme. Begat penetrou no gabinete como um bolido. Numerosos berloques e fantasias dançavam no seu collo chato, pendants do pescoço. Uma falta absoluta de busto creara-lhe nos salões a fama de delicada e de elegante.

— Bom dia, meu caro doutor?

— Bom dia, minha bôa senhora. Como vae o Sr. Begat?

— Bem, obrigada.

— Muito bem. E a que devo eu a honra de sua visita? E' ao amigo ou ao medico, que vem procurar?

— E' ao medico.

— Bem, — pensa; de si, comsigo, o doutor Tamieux; — assim, pelo menos, posso eu cobrar a consulta.

Assenta-se, tosse. E em seguida:

— Que ha, minha senhora? Em que é que a sciencia póde auxilia-la?

— Nisto, doutor; é ao doutor apenas que eu fallo. Eu sou pequena e elegante, eu o sei; mas, aqui entre nós, a minha falta absoluta de busto me desola; eu não tenho mesmo com que encher a mão de um canalha, quanto mais de um homem de bem. Dê-me, portanto, eu lh'o peço, um remedio que me faça ter um peito mais farto, seios mais volumosos, um especifico capaz de transformar meus pobres limões em voluptuosas laranjas. Seria possivel?

— Vamos ver. Pois que é ao doutor que falla, faça-me o favor de tirar o seu collete.

Após haver tirado as ondas de baptiste, de linho, de seda, mme. Bégat exhibe ao doutor um humilde collo de garota de treze annos. Durante meia hora, o medico a examina, a contempla, a apalpa, e, em seguida:

— Vista-se, madame.

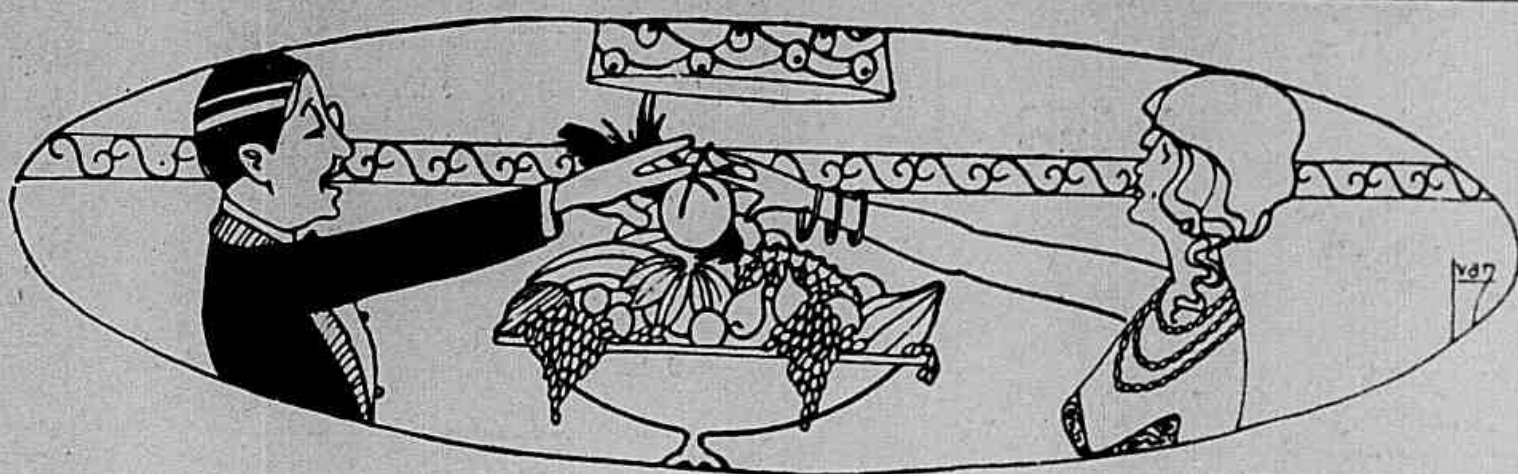
Mme. Bégat reintegra nos seus respectivos logares a baptiste, o linho, a seda.

— Então, doutor?

— Minha bôa senhora, durante quasi meia hora, eu acabo de apalpa-la, de ausculta-la, de examinal-a. Se se tivesse dirigido ao amigo, este exame teria sido desnecessario. Ha muito tempo, nos banhos de mar, nos bailes, eu havia notado o seu collo, ou antes, a sua falta de collo; ha muito tempo as suas amigas enchem o papo com a sua falta de peito.

— Oh, doutor!





UM BELLO COLLO POR GEORGES DOLLEY

II

— Mas, desde que desapareça o amigo, o medico tem de tomar conhecimento do caso. É a opinião do medico, madame, é que a senhora deve preencher o vacuo do seu corpete com duas luas de neve.

— E então, doutor?

— Não se afflija, madame. Isso se arranjará.

— Obrigada, doutor.

— A senhora vae comprar meia duzia de vidros de pilulas de Nicham. E obterá, asseguro-lhe, um collo opulento.

— Muito bem, doutor. A proposito, é desnecessario dizer-lhe que meu marido não sabe que eu vim aqui, e que é preciso que elle não saiba de nada. Eu não quero ser victima das pilherias que faria, fatalmente, se soubesse da minha preocupação.

— E o segredo profissional, madame?

— Muito bem, doutor.

— A proposito, quando a senhora comprar as pilulas de Nicham, tenha o cuidado de arrancar o rotulo do vidro, onde está desenhado uma mulher com os seios nas mãos. O seu marido descobriria logo a utilidade do remedio.

— Sim, doutor; se elle encontrar algum vidro, eu lhe direi que são pilulas laxativas que o senhor me receitou.

— Perfeitamente.

— Quanto lhe vou eu cobrar? — pensou o medico, em seguida.

Mme. Bégat cortou-lhe, porém, célere, a cogitação:

— Muito obrigada, e, até breve, "meu bom amigo"!

O dr. Tamieux virava e revirava entre os dedos o cartão do sr. Bégat.

— Para que me quererá elle? Terá suspeitado alguma cousa do tratamento da mulher? Emfim, faça-o entrar, — ordenou ao creado.

O sr. Bégat entra, afogado em uma soberba pellica, sobre a qual se espaneja uma opulenta barba castanha.

— Bom dia, meu caro sr. Bégat. Vem á procura do amigo ou do medico?

— Eu não venho ver o amigo nem o doutor; venho procurar os dois ao mesmo tempo.

— Bem, — pensa o profissional; — vou cobrar-lhe a metade do preço.

— Que ha, e em que posso eu servir-o?

— Eu não sei como lhe explique.

— Um medico é um confessor. Ponha-se á vontade.

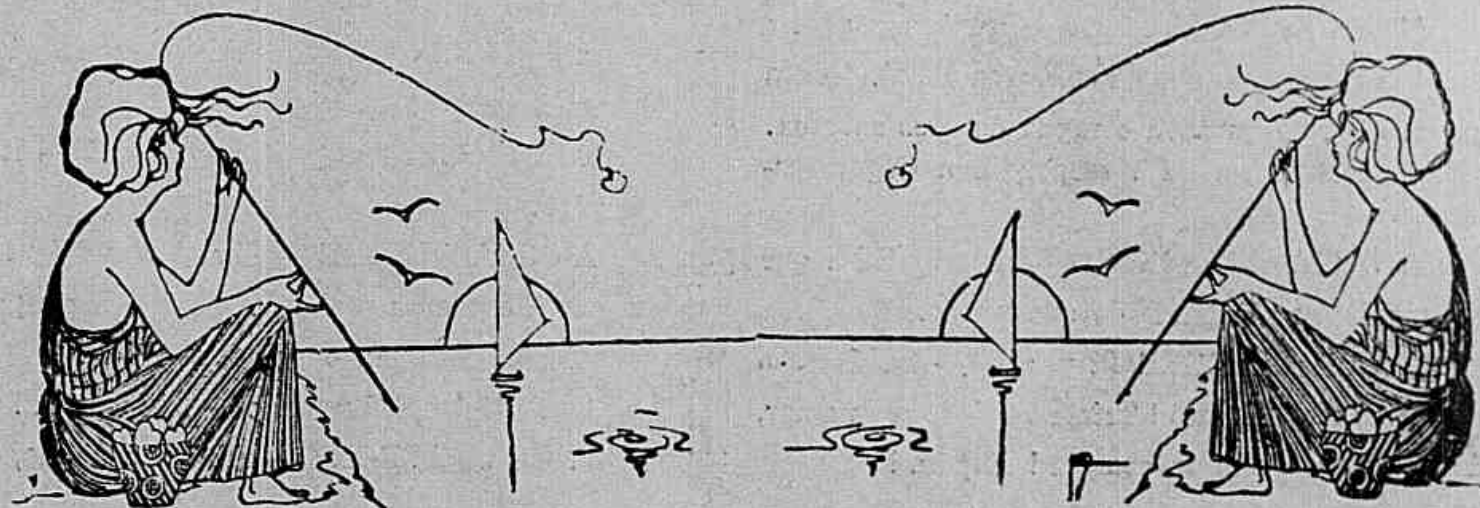
— Muito bem. Eu vou me pôr mesmo mais do que á vontade. Vou despir-me.

O sr. Bégat retira a pellica, despe o paletot, o collete, a camisa, e, todo vermelho de pudor sob a sua farta barba castanha, exhibe ao doutor, sobre o seu peito cabelludo e viril, bem redondos, bem firmes, os mais lindos seios do mundo.

O medico empallideceu.

O desgraçado Bégat, suppondo que fossem effectivamente laxativas, como a mulher lhe tinha dito, havia absorvido as pilulas de "Nicham", aquellas que dão os mais lindos seios do mundo!

GEORGES DOLLEY



HUMORISTAS FRANCEZES

O Calvario de uma mãe ou A perseverança recompensada

DE

GAMI

PRIMEIRO QUADRO

OLHOS FECHADOS EM UMA CASA
FECHADA

(A scena representa uma casa secreta)

A DONA DA PENSÃO — Todas as minhas pensionistas estão reunidas no salão. Apenas a Cega Alegre não chegou ainda. Durante trinta annos é a primeira vez que chega com atrazo.

1ª FREQUENTADORA — Como ? Ha trinta annos a Cega Alegre vem aqui ?

A DONA DA CASA — Sim. A pobre cega andava pelos dezoito annos quando entrou aqui pela primeira vez. Desde esse dia, não cessou uma só vez de dar ás suas companheiras o exemplo do trabalho e da coragem.

2ª FREQUENTADORA — Pobre rapariga ! Ella não ri nunca e, muitas vezes, a gente vê que os seus olhos apagados estão vermelhos de choro, não obstante o carmin da face !

TODAS AS FREQUENTADORAS (commovidas) — Nós nos arrependemos ás vezes do apellido de Cega Alegre, que lhe demos, por ironia, por causa do seu ar triste.

A DONA DA PENSÃO — Sua vida deve ter o seu mysterio, seu coração deve ter o seu segredo; tudo é mysterio no seu modo de agir: até esse rapaz de ares severos que a vem procurar todos os dias.

17ª FREQUENTADORA — Hontem, eu pude apanhar aquella phrase da conversa delles. "Nada de novo ?", perguntava o rapaz de ares severos. "Nada, sempre nada !", respondia a Cega, suspirando.

A DONA DA PENSÃO — Chut ! Eil-a que chega. Está mais triste do que nunca.

A CEGA ALEGRE (á parte) — Subámos o nosso penoso Calvario ! Triste vendedora de amor, á espera de quem te compre ! Espera !

SEGUNDO QUADRO

GRITOS NA ESCADA

A DONA DA PENSÃO — Um velhote acaba de escolher a Cega Alegre para companheira de um instante.

7ª FREQUENTADORA — Ahi está, entretanto, o rapaz de rosto severo, que vem fazer a sua visita quotidiana á Cega Alegre. Como não a encontrou, está esperando pacientemente que ella volte.

3ª FREQUENTADORA — Céos ! Vocês ouviram uns gritos na escada ?

A DONA DA PENSÃO — Que foi ? que é ? Os gritos partem do quarto occupado pelo velho e pela Cega Alegre ! Corramos !

O RAPAZ DO ROSTO SEVERO — Oh, sim ! Corramos !

(Dirigem-se todos para o quarto.)

TERCEIRO QUADRO

MESMO ASSIM !

(O Quarto da Cega Alegre)

A DONA DA PENSÃO (entrando) — Que é ? Que foi ? Por que esses gritos ?

O RAPAZ DO ROSTO SEVERO — Que foi, mamãe ?

A CEGA ALEGRE — Ah, meu filho ! Tu chegas a tempo !

TODAS AS FREQUENTADORAS — E' seu filho !...

A CEGA ALEGRE — Sim, é meu filho ! E se eu gritei, é que eu acabo de reencontrar o pae do meu filho. (Designa o velhote) Eil-o !

O VELHOTE, berrando — E' mentira !

A CEGA ALEGRE — Ah ! não negue, cava-

HUMORISTAS FRANCEZES

O Calvario de uma mãe ou A perseverança recompensada

— DE —

C A M I

Iheiro ! Após trinta annos de pesquisas, eu acabei de encontrar a prova da sua paternidade ! Escutem todos ! Eu posso, hoje, desvendar-lhes o mysterio da minha vida ! Ha trinta e um annos, pobre orphã cega, eu estava só, sobre a terra. Tinha, então, dezesete annos. Uma tarde, na minha mansarda, como eu me preparasse para deitar-me, um desconhecido mette os hombros na minha porta, e, sem escrúpulos, faz de mim uma menina-mãe ! O infame havia bem calculado a sua horrivel proesa ! Elle me sabia cega, incapaz de descobrir o ladrão da minha honra ! Nove mezes depois eu dava á luz meu filho. Eu o entreguei a uma ama, e jurei descobrir o seu pae !

A DONA DA CASA — Mas, como o reconhecer, pois que você é cega !

A CEGA ALEGRE — Durante o horrivel attentado, o miseravel, levado pela sua paixão, havia deixado escapar uma frase que bastaria para m'o fazer reconhecer entre mil ! No momento do amor supremo, o desconhecido, em um rugido de volupia, havia gritado: "Mesmo assim !" Essa frase caracteristica, eu a gravei na minha memoria. Por ella, pensei eu, eu encontrarei um dia o individuo que forçou a porta da minha mansarda. E foi então quando tive a idéa de entrar para frequentadora desta pensão, onde passam

tantos visitantes, esperando que a Providencia fizesse entrar aqui, qualquer dia, o homem da frase caracteristica. Durante mais de trinta annos, oh, que horrivel Calvario ! eu esperei, dia a dia, o grito revelador !

O RAPAZ DO ROSTO SEVERO — Pobre mãe !

A CEGA ALEGRE — Durante esse tempo, o menino cresceu. Eu o puz em um collegio, e quando elle terminou o serviço militar, eu o puz na Escola de Pontes e Calçadas. Eu lhe havia confiado o segredo do seu nascimento, e o estratagemma de que estava usando para descobrir o seu pae. E ahi está porque todos os dias elle me vinha procurar, perguntando-me, a voz baixa: "Nada de novo, mãe ?". Mas, agora, eu posso erguer a cabeça, e respondo-lhe: "Eu encontrei teu pae, meu filho; eil-o !" Esse velho, como outr'ora, gritou: "Mesmo assim !".

O VELHOTE — Sim, tem razão ! Eu confesso tudo. Fui eu, é verdade ! E não resisto á alegria de encontrar um filho tão serio, e na Escola de Pontes e Calçadas. Ceguinha de minha alma ! Tua perseverança vae ser recompensada: vou casar contigo, e reconhecer o filho do Pecado !

(Panno)

C - A - M - I

OS FUNDADORES DA
NACIONALIDADE

O PATRIARCHA

O nome de José Bonifácio de Andrada e Silva é, entre o dos varões famosos do Brasil, o mais famoso. Carregaram-n'o na terra, além do actual deputado por Minas Geraes, sr. José Bonifácio, tres grandes homens do Imperio: José Bonifácio, o Patriarcha, cognominado o velho, que foi politico e mineralogista; José Bonifácio, o moço, que foi poeta e politico; e, finalmente, o José Bonifácio, de bronze, do largo de São Francisco, que não é moço nem velho, e que resistirá, impassivel, á furia destruidora do tempo.

O segundo, não obstante a sua fama de tribuno, ficou na Historia, quasi, cantor de um pé — um pé como elle vira, "subindo um d.a a eacada de um doutor". O primeiro e o terceiro, são dois corpos e um só alma. Um é a continuação do outro. Começamos, pois, a falar do primeiro para, depois, tratar do segundo.

José Bonifácio de Andrada e Silva nasceu em Santos, ainda simples villa por esse tempo, no dia de Santo Antonio de 1763. Era um menino de carne e osso, como os outros. Se fosse de bronze como o do largo de São Francisco, teria sido preciso fundil-o, para nascer. Entregue, aos oito annos, aos cuidados de um sacerdote, o bispo Don Manuel da Ressurreição, aproveitou de tal modo as lições desse sabio preceptor, que, aos quinze, estava em Coimbra, disputando na Universidade o bacharelato em leis e philosophia natural.

Tem apparecido no Brasil ultimamente uma serie de escriptos procurando provar que José Bonifácio era, por occasião da nossa emancipação politica, o mais portuguez dos brasileiros. Deve ser verdade isso, e sem nenhum desdouro para a sua memoria. Nenhum brasileiro foi, no seu tempo, mais bem tratado pelo governo e pelo povo de Portugal. Ao terminar os seus estudos em Coimbra, deram-lhe os professores a laures dos dois cursos, reconhecendo-lhe o brilho do saber e a vastidão da cultura. Tomando-o sob o seu patrocínio, o Duque de Lafões, Don João Carlos de Bragança, fel-o entrar como socio da Academia de Sciencias, e, para que o moço brasileiro não voltasse á sua terra, estiolando aqui o seu talento, obteve do ministro Martinho de Mello que o mandasse á custa do erario publico, percorrer a Europa, afim de aperfeiçoar os seus vastos conhecimentos.

Commissionado assim pelo governo portuguez, percorreu o futuro patriarcha da independencia brasileira a França, a Allemanha, a Inglaterra, a Italia, a Dinamarca, a Noruega, a Suecia. Foi á Bohemia, á Hungria, ao Tirol. Percorreu as fronteiras da Turquia. E como falava seis linguas e entendia onze fazia-se conhecer por toda a parte como um sabio, levando a fama de seus conhecimentos pela palavra aos pontos da terra aonde elle não havia chegado pelas suas memorias scientificas. Graças á liberalidade do erario portuguez, ponde o moço brasileiro estudar em socego, e, nesses estudos pacientes, descobrir e especificar cinco especies e sete qualidades de mineraes novos, que figuram, hoje, com o seu nome, nos livros da especialidade.

Ao fim de dez annos, voltou como gloria portugueza, a Lisboa. Para que tivesse um logar no alto magisterio, foi creada na Universidade de Lisboa a cadeira de metalurgia. Deram-lhe a direcção geral

do serviço de minas do Reino. Encarregaram-n'o da canalização do Mondego. Fizeram-n'o chefe de Policia do Porto. Constituíram-n'o arbitro na adopção do systema metrico-decimal no paiz. E como fosse, tambem, doutor em leis, honraram-n'o com a nomeação de desembargador da Relação da cidade do Porto, cargo que só era dado a quem merecia a maior confiança do Rei.

Foi por esse tempo que os francezes invadiram Portugal, tendo á frente a bravura destemperada de Junot. Brasileiro e intendente das minas do Reino, José Bonifácio poderia ter vindo para o Brasil na comitiva de D. João V. Preferiu, porém, ficar em Coimbra, onde, no posto de major, arregimentou os alumnos da Universidade contra o invasor, mantendo essa attitude de reacção até que o inimigo abandonou o solo portuguez.

-- Agora — declarou, — pagarei a minha divida a Portugal. D'ora avante, vou tratar de min, voltar á minha terra, onde quero morrer socegado.

O convite que recebeu do ministro Villa-Nova Portugal, então no Rio, facilitou a sua vinda para o Brasil. Recolheu-se ás suas terras dos Outerinhos, em Santos. A sua fama era, porém, viva demais para que permanecesse esquecido. A tentativa das côrtes Portuguezas, fazendo regressar D. João VI á metropole e promovendo o rebaixamento do Brasil á antiga condição de colonia, agitou os Paulistas, que, constituindo uma Junta Governativa, deram, nesta, o logar de presidente ao então governador, e o de vice-presidente a José Bonifácio.

A situação do mineralogista tornava-se difficil. Amava Portugal, que muito fizera pela sua gloria. Não podia, porém, declarar-se contrario aos interesses do Brasil. Teve, então, uma idéa: insistir pela permanencia, aqui, do Principe-Regente, matando, assim, de uma cajadada, dois coelhos.

Effectivamente, a permanencia do principe D. Pedro no Brasil seria o unico meio de retardar o grito de Independencia. Regressasse a Portugal, como o queria a Corte de Lisboa, e a emancipação seria feita, mesmo sem elle. José Bonifácio redigiu a Carta de 17 de Julho de 1821. E o resultado foi o: — Fico! — do Principe-Regente.

O que depois succedeu, foi pela força mesmo dos acontecimentos. Impetuoso, Pedro I achou melhor collocar a corôa á cabeça. E o resto, é conhecido.

O que predominou em José Bonifácio foi o exaggero nos escrupulos. Acima do estadista, esteve, sempre, nelle, o homem de coração. Foi pegado para Patriarcha mesmo contra a sua vontade. Foi o Claudio d'este novo Imperio Romano.

O resto, é conhecido. Chamado, depois dos factos consumados, para auxiliar Pedro I, fez o possivel para amainar o sentimento nacionalista, sem prejuizo, embora, da vida da nacionalidade. A onda era, porém, forte demais: afogou-o.

Desterrado a principio para a Europa, veio o Patriarcha fallecer em Nitheroy a 6 de Abril de 1838. Em 1872, porém, resussitou, em bronze, no largo de São Francisco. E ali soffre, ha mais de meio seculo, o maior dos supplicios: ouvir, duzentas vezes por anno, os surtos da oratoria popular!

Foi, relativamente, um venturoso na vida. E' um martyr na morte.



JOSÉ BONIFÁCIO
(O Patriarcha... á força.)

Chronica photographica da cidade

INDEPENDENCIA DO URUGUAY



O Brasil inteiro commemorou festivamente o centenário da independência do Uruguay, a 25 de Agosto. A gravura acima registra alguns aspectos das homenagens ao paiz amigo, vendo-se: 1 — Recepção na legação uruguaia, no dia 25. 2 — Banquete oferecido pelo sr. ministro das Relações Exteriores, ao sr. Ramos Montero, representante do Uruguay no Brasil. 3 — Inauguração da Escola Municipal "Uruguay"; e 4 — Festa em homenagem à vizinha Republica, na Escola Pedro Varela.

Humoristas Portuguezes

VERSOS GALANTES

DE

MARIO MONTEIRO

DIALOGO

— Que tristeza, meu amor!

— Não é nada, meu senhor...

— Alguma cousa has-de ter,
Não me queiras enganar!
Que procuras occultar?
Tens vergonha de dizer?— Eu não...mas...sim...tenho medo
De dizer este segredo...
Se minha mãe o soubesse!— Mas eu não vou dizer nada,
Pódes ficar descansada!— Se o senhor a não dissesse...
Valha-me o Senhor do Céu!

— Mas que segredo é o teu?

— Nem eu sei se, hoje, lh'o conte?
Mas, vá l'... de manhãzinha,
Sahí de casa, sósinha,
E, ao passar, ali, no monte,
Encontrei meu namorado...

— E vés n'isso algum peccado?

— Quiz dois beijos...

— E depois?

— E depois... deu-me só um!

— Não foi de mais, em jejum?...

— Eu contava com os dois!...



Flores de Laranjeira

Passa a noiva, toda bella,
Com flores de laranjeira
Vem a sahir da capélla,
Toda altiva e sobranceira.

Mostra ciúme por ella
A expressão meiga e fagueira
Do noivo de tal donzella,
Tão formosa e feiticeira...

Mas, ao passar n'um portal,
Fez-se a noiva bem córada,
Vendo o primo Juvenal...

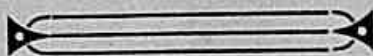
E, num gesto, disfarçada,
Ao priminho faz signal
Para nunca dizer nada...



Modos de ver

Em face d'um figurino,
Esse teu corpo divino,
Mod'lo de estatuario,
Procura vestir-se bem!

Se acontecesse o contrario
Não desgostava ninguém...



Inveja

Bate o luar na janella
Da que foi a minha amada
E, ao vel-a, a dormir, tão bella,
Em branco, jaspe talhada,
A lua, também donzella,
Fica logo apaixonada...

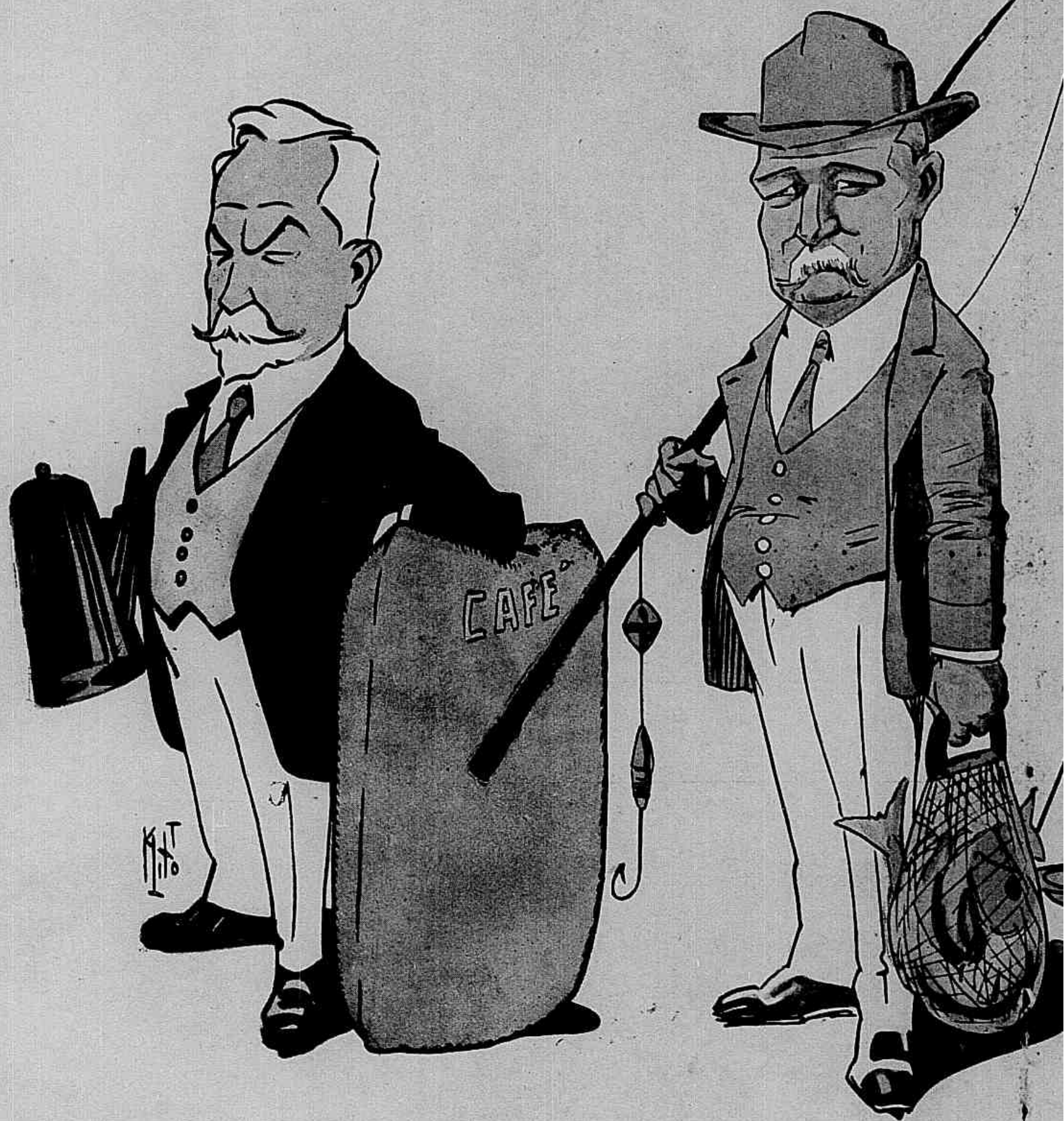
E eu, que passo, a recordar,
A' noite, por essa rua
Onde errava o seu olhar...
Julgo vel-a, toda núa
Coma a lua a vae beijar...

E tenho inveja da lua!

MARIO MONTEIRO



COFFEE A



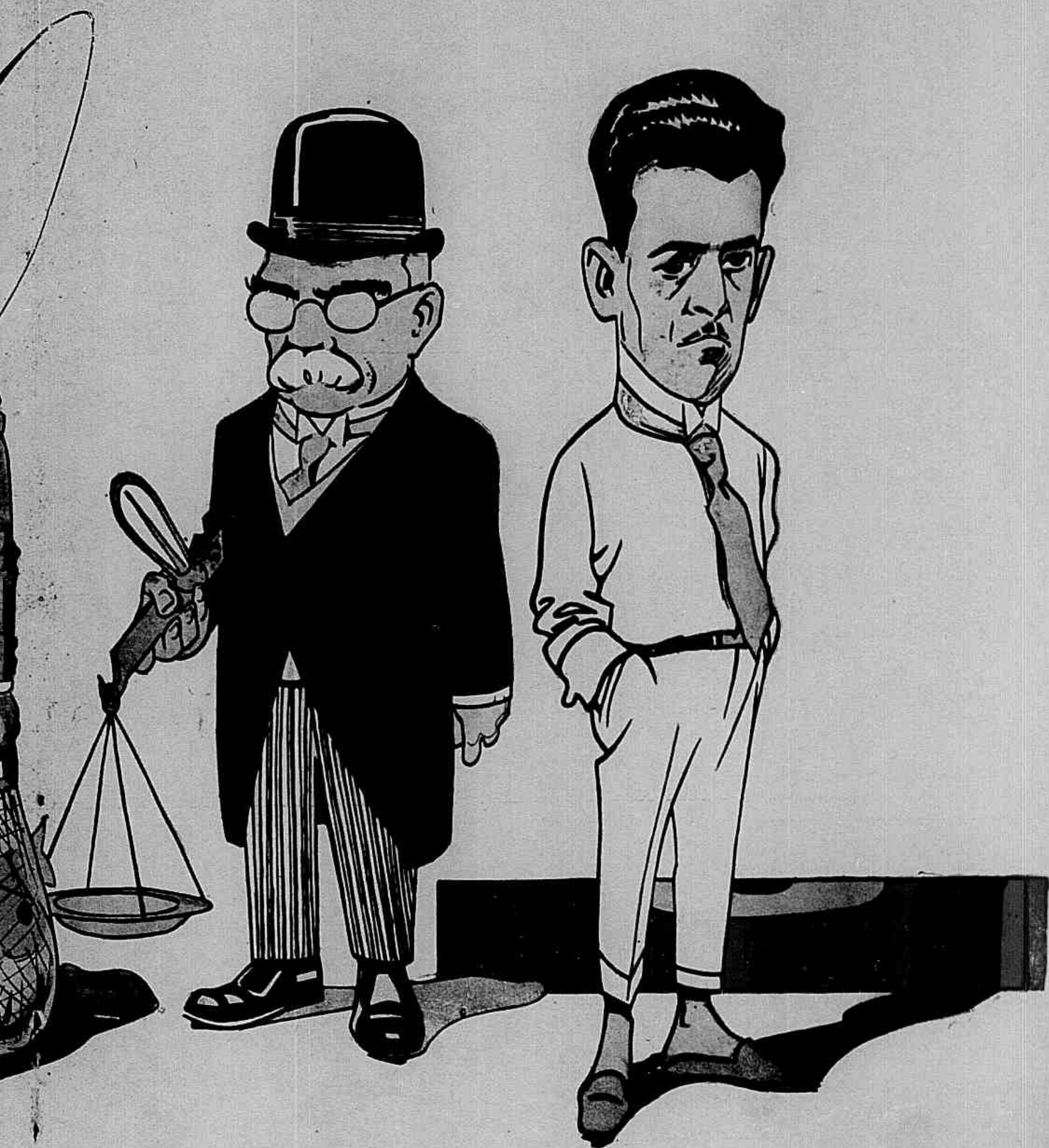
Nas cogitações políticas
Que ainda se encontram de pé,
Constaram partes de leite
Contra uma só de café.

Primeiro, foi, caso "líquido"
Francisco Sá... Mas falhou.
Leite posto na tigella
Cedo de mais, azedou.

Depois delle — e este era
Batido a colher de pau,
Foi transformado em ma
Leite do bom: Wenceslau

AND MILK

„Está assentada a chapa Washington
Luiz — Mello Vianna”,
(Dos jornaes)



— e este era esplendido! —
— or de pau,
— ado em manteiga
Wenceslau!

E ainda veio mais... De subito
Veio mais leite... e «ferveu».
Subiu muito... fez espuma...
Feita a espuma... arrefeceu.

Ao fim de tudo, na chicara
— E os boatos merecem fé —
Vamos ter no quadriennio
Menos leite... e mais café!



CHICO BUMBA VERSOS DE GUIMARÃES PASSOS



(FORTUNIO)

SCENA UNICA

CORO DE MULHERES

(Invisível)

Nós somos as desgraçadas,
 Pobres mulheres casadas
 Pela policia encontradas
 Nas doces rêdes de amor;
 Que dirão nossos maridos,
 Si forem aos seus ouvidos
 Os commentarios urdidos
 Na tal rua do Ouvidor ? !

CORO DE HOMENS

(Invisível)

Pobres maridos caiporas,
 Que dirão nossas senhoras
 Se souberem que a estas horas
 Fomos pilhados aqui ?
 Em ceroulas, de chinellas,
 Que figuras ! qualquer d'ellas
 Fará figura entre aquellas
 Figuras de Gavarni.

UM DEPUTADO

Não póde ser ! Um apito !
 Fóra as arbitrariedades !
 Onde estão (não, não admitto !)
 As minhas imunidades ?
 Querem tirar-me o negocio ?
 Já me acham bastante rico ?
 Pae Chico não é meu socio ?
 Eu não sou socio de Chico ?
 No "Republica" os escacho !
 No "Paiz" berro e os acabo !
 Na camara dou p'ra baixo !
 Grito, pinto, faço o diabo !

UMA VOZ

(Invisível)

Meu santo Deus ! será elle ? !

OUTRA VOZ

(Invisível)

Meu santo Deus ! será ella ? !

OUTRA VOZ

(Invisível)

Quem é aquelle ?

OUTRA VOZ

(Invisível)

Quem é aquella ?

HOMENS E MULHERES

(apparecendo)

— Aos meus braços, me perdoa !
 — Oh ! esta é a primeira vez !
 — E's tão bom !
 — Tu és tão boa !
 — Tu me crês pura ? me crês ?
 — Ora o passado, passado...
 — Sim, não fallemos mais nisso,
 — Vá tudo por acabado...

TODOS

— Vamos ceiar no Suisso !

CHICO BUMBA

Á policia

Eu não disse, seu doutor,
 Veja agora se é pilheria !
 Aqui este antro do amor
 Só frequenta gente séria.

(*) Chico Bumba era o explorador de uma casa de encontros suspeitos, frequentada no Rio, ahi por 1897, por gente chic. Protegido por senadores e deputados, Chico Bumba poudere resistir a todas as perseguições da Policia. Sempre os mesmos, os tempos... — N. da R.



GUIMARÃES PASSOS

(F O R T U N I O)

Chronica photographica da cidade

AS ULTIMAS HOMENAGENS A IRINEU MARINHO



No alto, instantaneo tomado pelo nosso photographo á sahida da missa celebrada na Candelaria, no 7.º dia do passamento do mallogrado jornalista. Em baixo, amigos e companheiros do querido homem de imprensa, em visita ao seu tumulo, coberto de corôas de saudade. No centro, o ultimo retrato de Irineu Marinho, tomado no dia da inauguração das officinas do "Globo".

LOTERIA FEDERAL

PREMIOS DE VINTE A MIL CONTOS DE RS.

UNICA official.

UNICA fiscalizada pelo Governo Federal.

UNICA por cujos premios responde o Thesouro.

UNICA extrahida á vista do publico nesta Capital.

EXTRAHIDA EM MACHINAS FICHET ONDE NÃO PÓDE HAVER FRAUDE

CAPITAL:

3.000 contos com o DEPOSITO DE 500 CONTOS no Thesouro

PREDIO PROPRIO:

Rua 1. de Março, 110, com frente para a Rua
Visconde de Itaborahy, 67

Extracções diarias ás 2¹/₂ e á 3 horas aos sabbados

Pedidos de bilhetes com mais 900 reis para o porte

SABBADO 12 -- 100:000\$000 -- SABBADO 12

Inteiro 7\$700

Decimo \$800

O ACTOR E AS MULHERES PAGINA DE PROCOPIO FERREIRA

Ha uma cousa para a mulher peor que o Diabo — um homem com pratica de mulheres. Especie de D. Juan sem espirito, conquistador profissional, imbecil como um almanach. Este extranho typo é muitas vezes inconscientemente realizado pelo actor. A curiosidade que o arrasta de continuo ás mais secretas alcovas; a intimidade feminina, desde a mais insonsa á mais extravagante, dão-lhe um conhecimento tão claro da alma da mulher, que ao orgulhoso espirito do homem conquistado, substitue, insensivelmente, um colleccionador de vestidos! E á mulher sómente cabe a culpa desta metamorphose. Ella o attráe em nome do amor, e entrega-se orando a Cupido.

O homem, por sua vez, ingenuo como sempre, vai-lhe ao encontro, na certeza de achar nesta ultima a sinceridade. Dez, vinte, cem vezes, elle se desillude! Cada sonho desfeito é um recuo sem abandono de campo! A ancia de amar torna-o perseverante, encoraja-o, protege-o, e assim vae elle avançando sempre, até que um dia, cansado de correr atraz dessa chimeira, cúa fóra da vida martirizado por um pessimismo sem remedio.

Das ruinas do homem surge então um monstro: — o pratico de mulheres, o Bourget sem estylo, rude como sua desillusão, terrivel como sua angustia de abandonado.

Sua alma é um tumulto de pompas. Ha alli de tudo. No silencio que só elle sabe crear, jazem a volupia de todos os perfumes, a loucura de todos os beijos, a imprudencia de todos os arroubos, e a falsidade de todos os corações. Tudo alli está mumificado. Symbolos mortos de uma coisa que não viveu, que não vive, que jámais viverá para elle!

— O amor? — "Blague"! A mulher? — Phrase sem sentido, que quer ser poema.

E, como homem que alcançou o segredo da vida e decifrou todos os enigmas, e tudo comprehendeu, afinal, cruza ella os braços, serenamente, fechando-se para o mundo. Com plena consciencia, realiza o suicidio moral. — Que mais ambicionar? Que desejar do mundo, se o mundo esgottou-se para elle, deixando-lhe o sabor do fel no espirito?

A vida não possui segredos para os que a querem ver. A vida não é a apparencia de si mesma. Não é o desejo em si, mas o motivo do desejo. E esta razão unica da sua existencia é accessivel a todos; basta analysal-a. Pôr de parte a vai-

dade e os mais sentimentos que nos possam balancear a serenidade e, friamente, como um estranho a ella, miral-a sem cerimonia de attittudes, — eis o que lhes falta! Esse condão divino, que a desencanta, é por ella mesma desvirtuado. Todo homem a quem foi facil a conquista de mulheres e não conseguiu comprehender a mulher, tem a alma envolta nesta malha allucinante. E de todos elles, sem duvida, é o comico o mais torturado, por ser o mais perseguido.

A mulher tem no comico a maior das suas curiosidades. Para ella, o actor é o homem-maravilhoso, o homem-sonho, a lenda corporificada, o mysterio accessivel. Possuil-o é resolver o enigma do sublime. O homem que condensa em si uma humanidade e della exterioriza todos os desejos, todos os requintes, numa fulguração esthetica que

parece revelada naquelle momento. E' a creatura merecedora de todos os seus delirios sentimentaes. Ella se entrega ao comico pelo pensamento. Esse homem, que lhe enche o cerebro sem lhe ter passado pelo coração, não a arrasta jámais a um crime. Vae para elle como para o sol, deslumbrada e virtuosa, tonta de luz como rosa adormecida ao meio dia.

Depois do encontro, não sente remorsos nem medo. Gosa a volupia silenciosa de uma gloria que só ella sabe existir dentro de si mesma, sem a inveja nem o applauso alheio. A culpa deliciosa, sobre a qual ninguem jura, porque ninguem viu, ficará perpetuamente irrevellada. A mulher tem então

o seu unico momento feliz na vida: — guarda a illusão de um homem. Pela primeira vez, o homem é perfeito para a mulher: — é amado na recordação, não mais desejado, pelo temor que ella tem de que sua alma possa ficar vazia...

Quem aspira o amor de uma mulher, deve esforçar-se por ficar na sua memoria, porque é esta a unica maneira de sermos sinceramente amados e queridos. A saudade das coisas é o melhor amor que lhes podemos inspirar.

O comico é amado assim. E, não contrariando nunca a sua arte, ou melhor, cumprindo o castigo do seu doloroso destino, elle soffre diante da mulher, da mesma forma que diante do publico. Dá a sua arte, soffrendo. Atira ás mulheres o coração para perdello. Ellas devoram-no. Elle deshumaniza-se. E ao termo da vida, e quando elle se vê reduzido a uma idéa apenas, resumo de todas as idéas, com uma desillusão enorme, amalgama de todas as desillusões é que poderá falar, sabiamente, ácerca da mulher e do amor.



Procopio Ferreira

Humoristas Francezes

Os dois amantes por TREBLA

(Trad. d'«A MAÇÃ»)

Luciano Françaard)
 José Launois) freguezes
 A proprietaria)
 O garçon) personagens mudos

O theatro representa o interior de um pequeno café socegado. Na caixa a proprietaria, immovel, devora um folhetim do mais palpitante interesse. Mais longe o garçon, mergulhado em um extase estúpido, invoca Morphen; seu craneo marmoreo ameaça a todo instante vir quebrar-se sobre a mesa de marmore, deante da qual se encontra assentado. Uniforme e monotomo, ouve-se o tic-tac de um enorme relógio. Dois unicos freguezes acham-se sentados nm em frente ao outro, Luciano Françaard e José Launois; o primeiro, o ar muito experto, as mãos nos bolsos, bem afundado na sua cadeira, olha des-preocupadamente as vólutas de fumaça do seu cigarro; o segundo, mal assentado, tristemente vergado com os catovellos sobre a mesa, parece presa de uma melancolia que a leitura dos jornaes alegres não conseguiu dissipar. Elles não se conhecem.

LUCIANO (dirigindo-se ao seu visinho) — Perdão, cavalheiro; mas, poderia fazer-me o favor de passar-me um desses jornaes illustrados?

JOSE' (em tom de moribundo, passando-lhe o jornal) — Com muito prazer, cavalheiro.

Luciano toma o jornal, e abre-o. Entretanto, as imagens que vae encontrando o interessam menos que a physionomia mortalmente triste do seu visinho, pois que elle é, por natureza, observador e curioso.

De novo, reina o silencio, quebrado apenas — se é que o silencio pode ser quebrado — pelo tic-tac do grande relógio de parede. — Bing!...??? O garçon acaba de ser enfim abraçado por Morpheu, mas o marmore do seu craneo vae terrivelmente de encontro ao da mesa. A proprietaria, cujo folhetim contava precisamente a queda de um bolido, solta um grito de pavor estridente. Luciano Françaard toma o aspecto de um sac-carrolhas. Um imperceptivel sorriso illumina, por um segundo apenas, o rosto de José Launois.

LUCIANO (ao seu visinho) — O senhor tem sorte, cavalheiro, para poder sustentar assim o seu sério. Eu sou victima da molestia do riso.

JOSE' — O senhor é que tem sorte, meu caro senhor, por ser assim tão alegre. Eu o invejo, pois, eu, não posso rir.

LUCIANO — Effectivamente, eu o estou observando desde que está aqui. O senhor me parece um triste.

JOSE' — E eu o sou!

LUCIANO — Ainda que mal pergunte: pesa-lhe alguma desgraça?

JOSE' — Uma grande desgraça... Evidente-

O : O - O - O : O

Humoristas, Francezes

Os dois amantes por TREBLA

(Trad. d' "A MAÇA")

mente, para mim, é mesmo uma grande desgraça, e eu soffro horivelmente. Eu sei bem que ha muita gente que zomba destas cousas, e que as tomam como uma simples dôr de dentes.

LUCIANO — Eu lhe peço perdão se sou indiscreto... mas o senhor me está preocupando com o seu soffrimento. Sympathisei com a sua pessoa... E o senhor soffre, acaso, de um desses males que os outros comparam a uma simples dôr de dentes? E que mal é esse?

JOSE' — O mal de amor, meu caro senhor...

LUCIANO — Ah! Eu sei o que isso é, e, certo, não serei eu que zombe do seu soffrimento. E' profundamente doloroso. Quando eu sou atingido por elle, eu tambem não sei rir...

JOSE' — Isso lhe succede, tambem, ás vezes?

LUCIANO — Todos os oito dias...

JOSE' — Todos os oito dias?

LUCIANO — Sim. Isso lhe causa espanto?

JOSE' — Não; apenas, é exactamente como succede a mim. Tal como me vê aqui, a semana passada eu era feliz, nada faltava á minha ventura, e, no emtanto, esta semana, o senhor vê como eu estou!

LUCIANO — Não deixa de ser extraordinario!

JOSE' — Assim? E por que?

LUCIANO — Porque eu, tal como o senhor me vê aqui, a semana passada estava nas suas condições. E esta semana, tudo vae ás mil maravilhas.

JOSE' — Não deixa de ser singular! Caprichos da vida... Nós somos dois homens que

nunca se viram, conversamos de repente, e eis que chegamos á conclusão de que nos achamos, os dois, na mesma situação.

LUCIANO — E pôde-se perguntar de que natureza são as suas preocupações amorosas? A sua amante o engana todos os dias?

JOSE' — Isso, eu não posso dizer, com segurança. O que eu sei, é que todos os oito dias ella encontra um meio de se zangar commigo, fica toda uma semana de relações cortadas, e na semana seguinte, regularmente, escreve-me, pedindo-me para voltar.

LUCIANO — E' curioso! Ernestina se porta commigo exactamente da mesma fórma!

JOSE' — Como? O senhor falou em Ernestina?

LUCIANO — Falei.

JOSE' — E' o nome da minha amante!

LUCIANO — Não é possível! Ella tem os cabellos vermelhos?

JOSE' — Tem.

LUCIANO — Os olhos verdes?

JOSE' — Os olhos verdes.

LUCIANO — Um signalsinho preto sobre...

JOSE' — Exactamente.

LUCIANO — Muito bem. Ha quatro dias eu estou reconciliado com ella. A semana proxima será a sua vez. Nós temos a mesma mulher! Diga-me uma cousa: quanto o senhor lhe dá por mez?

JOSE' (completamente estupidificado) — Tres mil francos.

LUCIANO — Ah! eu respiro! Eu lhe dou dois mil, apenas. Logo, o enganado é o senhor!

TREBLA

* * * * * HUMORISTAS PORTUGUEZES * * * * *

CANTIGAS A PROPOSITO

SCENA DOMESTICA EM PROSA
E VERSO DE

CAMPOS MONTEIRO

Gabinete modesto numa morada de dois andares da rua da Alegria. Armando Silveira, empregado commercial e dono da casa, recostado n'uma cadeira, lê um «Cancioneiro popular». São 9 horas da noite. Armando, farto de esperar pela mulher, e ansioso por jantar, pegou naquella livro para se entreter. Abre-se a porta e entra Joanna da Silveira, sua esposa.

JOANNA — Boa noite! ("silencio"). Venho um bocadito tarde, mas has de ter paciencia. Foi a D. Ricardina, mulher aqui do visinho, que me pediu para a acompanhar ás compras. Não podia dizer-lhe que não, tanto mais que se trata de uma santa senhora, a quem ninguem tem nada que dizer.

ARMANDO, "lendo":

— «A mulher do meu visinho
é uma santa mulher:
dá os ossos ao marido,
a carne a quem ella quer.»

JOANNA — Não digas isso, que até te fica mal! A D. Ricardina é honesta. Bem sei que asseveram por ahi, a seu respeito, coisas que lhe não ficariam bem, se fossem verdadeiras. Mas quem existe hoje em dia de quem o mundo não murmure?

ARMANDO, "lendo":

— «O' mar alto, ó mar alto,
ó mar alto sem ter fundo!
Mais vale andar no mar alto
que andar nas bocas do mundo!»

JOANNA — (de costas tirando o chapéu ao espelho): — De accordo, mas é difficel viver-se em uma grande cidade sem que os outros se interessem pela nossa vida, dizendo de nós o que é verdade, e o que não é. De resto, as acções de cada qual ficam com quem as pratica. E tu sabes bem que eu te sou dedicada, leal e firme como uma rocha.

ARMANDO, (sem despregar os olhos do livro):

— «Quem diz que a mulher é firme
affirma a sua innocencia.
E' firme enquanto não acha
quem lhe faça a diligencia.»

JOANNA, (voltando-se): — Lêste isso de uma maneira! Dir-se-ia que desconfias de mim. Agora reparo que estás triste como nunca te vi. Parece que perdeste alguma fortuna!

ARMANDO, (lendo sempre):

— «Ando triste como a noite,
nada me alegra o sentido.
Ninguem sabe o bem que perde
senão depois de perdido.»

JOANNA, (sorrindo ironicamente): — Com esses versos tão a proposito queres certamente significar que te arrependes de ter casado comigo?

ARMANDO, (sem responder e continuando a leitura):

— «Nunca vi ventar do sul
que aos três dias não chovesse.
Nunca vi homem casado
que se não arrependesse.»

JOANNA, (com um tremor nas commissuras dos labios): — Estás arrependido, pelo que vejo! Tenho sido acaso má esposa? Não. Má dona de casa, não é verdade? Bem sei o que estás pensando: "sahiu ás duas da tarde e entrou ás nove horas da noite". Querias talvez que ficasse em casa, n'esta linda tarde de primavera, lavando a roupa branca, brunindo as camisas ou fritando as croquettes? Meu menino! Quem quer escravas, compra-as! Eu não casei para trabalhar; casei para ser senhora!

ARMANDO, (lendo a meia voz):

— «Todo o homem que se casa
com mulher que não trabalha,
deve ter arca de brãa,
grande palheiro de palha.»

JOANNA, (estremecendo): — E tu não tens nada d'isso, bem sei. Nem arca nem palheiro. E's pobre, e desposaste uma mulher pobre...

ARMANDO, (como acima):

— «Ser pobre e casar com pobre
é remar contra a maré.
Casar com mulher sem dote
é andar com um só pé.»

JOANNA: — Mas eu não sou tão pobre como isso. E' ou não verdade que meu pae te prometteu dotar-me com oitenta contos?

ARMANDO, (voltando a pagina):

— «Meu sogro, p'ra eu casar,
prometeu-me o quanto tinha;
depois que me viu casado,
nem um sacco de farinha.»

JOANNA: — Até ao lavar dos cestos é vindi-ma. Se ainda não cumpriu o promettido, é porque os negocios lhe teem corrido mal, com esta histo-



CANTIGAS A PROPOSITO

SCENA DOMESTICA EM PROSA
E VERSO DE

CAMPOS MONTEIRO

ria de os bancos não fazerem descontos. Mas fica descansado, que meu pae não é homem que falte á sua palavra. De resto, não é o dinheiro que dá a felicidade. A ventura reside no verdadeiro amor.

ARMANDO, (lendo):

— «Fui a Braga, fui ao Porto,
fui ao Rio de Janeiro;
não achei amor mais firme
do que a bolsa do dinheiro.»

JOANNA, (com uma momice de desespero):—
Que homem prosaico! Que alma de lama! Sempre
me sahiste um materialão! E pensar que eu pude
unir a minha alma á tua, eu, uma mulher formosa
e intelligente, espirito cheio de graça e de poesia,
que tinha pretendentes ás mãos cheias!

ARMANDO, (como acima):

— «Espelho e pia de igreja
estão ao dispor de quem quer.
Presumpção e agua benta,
cada qual toma a que quer.»

JOANNA:— Se assim pensavas, se
ambicionavas dinheiro a rôdos, para que
casaste commigo? Porque não consideras-
te, antes de me fazer a côrte?

ARMANDO, (voltando outra pagina):

— «Quem ama não considera,
quem considera não ama.
Amei sem considerar,
agora choro na cama.»

JOANNA, (furiosa):— Quer isso
dizer que foste infeliz? E toda a gente te
suppõe o mais feliz dos homens! Ainda
antes de hontem o conselheiro Ramada
te disse que, com uma mulher como eu,
o teu lar devia ser um céu aberto.

ARMANDO, (proseguindo na leitura):

— «Quem diz que o casar é bom
diz uma coisa bem falsa.
Mulheres, luvas e botas
só as sente quem as calça.»

JOANNA:— Se és infeliz commigo, mais vale,
n'esse caso, que divorciemos! (Toma o chapéo e
carre ao espelho, nervosamente. Voltando-se:—
Adeus! Torno para casa de meus paes.

ARMANDO, (lendo tranquillamente):

— «Cuidas que por me deixares
me darás algum desgosto?
São pratos de prateleira:
um tirado e outro posto.»

JOANNA, (caindo sobre uma cadeira a solu-
çar):— Infame! Monstro! Tu, que juraste amar-
me eternamente!

ARMANDO, (lendo, sem se voltar):

— «Já o sol, minha menina,
não nasce onde nascia.
Já não morre por amores
quem por amores morria...»

JOANNA:— Isso sei eu! Os homens são todos
assim, e tu não podias fugir á regra geral. Rom-
peste muitas solas a passear deante de minha casa.
Agora já nem sequer respondes ao que te digo,
como se eu fallasse em chinês, ou qualquer lingua
que não percebesses!

ARMANDO, (lendo sempre, imper-
turbavel):

— «Estou farto de romper solas.
Quem não anda não aprende.
Cartas, mulheres e bolas
nem o diabo as entende.»

JOANNA, (exasperada):— Mas diz
alguma coisa, com mil diabos! Deixa esse
negregado livro, e attende-me, por Deus!
Queres, ou não, que me vá embora?

ARMANDO, (como acima):

— «Quem pouco diz muito vence.
Mais vence quem não diz nada.
Em certas occasiões
mais vale a bocca calada.»

JOANNA, (deitando lume pelos
olhos):— O que tu precisavas, bem o
sei eu! Mas espera que, as não per-
des! (Pequena pausa, durante a qual o
fita com sobranceria)— Querias que te
deixasse em paz? Pois estás enganado! (Ar-
ranca o chapéo que já tinha posto e calca-o aos
pés). Fico, e ficarei toda a vida, para te fazer de
fel e vinagre! E anda jantar, se quizeres, que não
será por me não fazeres companhia á mesa que eu
hei de comer com menos appetite. (Sae arrebatada-
mente).

ARMANDO, (com um encolher de hombros,
concluindo a leitura):

— «Mulheres! Quem as atura
vae para o ceo sem o querer.
Mais vale aturar o Dêmo
que aturar uma mulher!»



CAMPOS MONTEIRO

HUMORISTAS FRANCEZES

Surprise Party POR JACQUES FAURE

Trad. d' "A MAÇÃ"



— Oh! Max, meu amigo, eu faço uma loucura!

— E ainda faremos outras, depois.

— Obrigá-me a sair de casa, a estas horas, a mim, uma mulher honesta!

— Desde que teu marido se acha em viagem...

— E' a primeira vez que eu faço semelhante cousa!

— E eu espero que não seja a ultima. Tira o teu chapéo, as tuas luvas, o teu "manteau".

E Max ajuda, elle proprio, a sua graciosa companheira a desembaraçar-se d'aquellas attributos da elegancia.

— Achas que passaste em minha companhia uma linda noite? — pergunta-lhe elle, com ternura.

— Excellente. O jantar estava delicioso.

— Estava capitoso.

— E a revista das "Folies" saborosa...

— Capitosa...

— A ceia decorreu alegre, tambem. Desde o meu casamento, isto é, ha cinco annos, que não me divirto tanto.

— Então, havemos de recommençar outras vezes; não é verdade?

— Apenas, Max, você não insistirá mais para trazer-me até aqui. E' preciso que você não me desvie do caminho da honra e deixe-me voltar para casa.

— Tu terias medo, ficando sosinha, com teu marido ausente.

— Eu já estou habituada. Elle viaja tres, quatro vezes por mez.

— Mas imagina, Paulette, que ha tres semanas que tenho o prazer de te conhecer. Ha tres semanas que nos vemos quasi todos os dias, que eu procuro te convencer da minha paixão sincera, e que tu recusas sempre ir á minha casa!

— A' sua casa, Max? — replicou Paulette, pudibunda. — Você não quererá isso! Eu, uma mulher honesta, ir, escondida, á casa de um amigo de meu marido!

— Ora, amigo! Nós nos sentamos dois annos á mesma banca, e se nos vimos tres vezes no anno, foi muito.

— Não importa; mas vocês são amigos!

— Isso é razão, então, para me torturar indefinidamente? Teu marido, teu marido!... Sabes tu, acaso, o que elle fez quando..., quando... quando está em viagem?

— Trata de negocios.

— De negocios... de mulheres, com doçura e volupia!

— Cale-se, Max! Gustavo me é leal, eu respondo por elle!

— Todas as mulheres casadas dizem isso. Isso não impede, entretanto, que, um dia, quando sabem da verdade, se arrependam de terem sido tão credulas.

— Max, cale-se! Gustavo não me engana!

— Tu não sabes de nada. Si vieses a saber...

Paulette tomou um ar energico, de divindade vingadora.

— Se eu viesse a descobrir alguma coisa — replicou ella, altivamente, — eu não iria por quatro caminhos: eu o abandonaria immediatamente, recolher-me-ia á casa de minha mãe, enquanto se regulasse o divorcio. Em seguida, casar-me-ia com você.

Max cobriu de beijos ferventes as mãos pequeninas da sua linda amiga.

— Obrigado, — fez elle, apaixonadamente.

— Muito obrigado.

— Mas, por enquanto, — accrescentou ella — eu estou tranquilla: isso não acontecerá. Eu não posso comprehender, entretanto, porque me perturbou você, hoje, de tanta maneira, trazendo-me ás duas horas da manhã, a mim, uma mulher honesta, para uma casa de commodos, quando eu podia estar perfeitamente em minha casa, a estas horas.

— Desde que tu não querias ir á minha casa, era natural.

— Natural, que?

— Que eu procurasse um ninho para o nosso amor!

Surprise Party POR JACQUES FAURE



— Max !...

— Pois, tu sabes que eu te adoro, Paulette querida ! Eu te idolatro ! e tu, tu me amas também, eu o sei ! Nós iremos demonstrar isso aqui mesmo, nós iremos nos segredar isso um ao outro aqui, ao abrigo dos indiscretos e dos ciumentos, nós o demonstraremos aqui, apaixonados, até de manhã !

— Meu Deus ! — interrompeu-o subitamente, com esforço, a burguezinha pervertida.

— Que tens ? — inquieta-se Max.

— Esta manhã... é quinta-feira... E' o dia da minha gommadeira.

— E então ? — replica Max, espantado.

— E' que ella vae lá em casa ás nove horas em ponto... E' preciso que esteja lá ás oito. Haverá por ahi um despertador ?

— Não; eu não tinha previsto isso...

— Então, meu amigo, não hesite; desça ao escriptorio do hotel, e peça ao gerente que nos acorde ás sete da manhã. Trata-se da minha reputação ! A's sete, ouviu ?

— Tão cedo ? — gemeu Max.

— E' preciso ! E fique dez minutos, no minimo, lá embaixo. Eu preciso fazer a minha toilette, na sua ausencia. E quando voltar, apague a electricidade; ouviu ?

— Se assim queres... — murmurou o bohemio, desconsolado; — eu desço...

— Obrigada ! Você é um cavalheiro, Max !

Max demora-se no escriptorio do hotel a percorrer os jornaes da noite, unicamente para satisfazer o desejo d'aquella que, segundo elle contava, seria, nessa madrugada, sua amante. Em seguida, dirigiu-se para o quarto.

Ao chegar, porém, no segundo andar, foi detido por um homem em pyjama, que sahia bruscamente de um dos aposentos, do qual havia deixado a porta entre-aberta.

— Perdão, cavalheiro ! — desculpou-se.

O individuo de pyjama pára, suspreso, ao som d'aquella voz. Olha o rapaz, e grita:

— Max !

— Gustavo !

— Ah, meu velho, que esplendido !

— Gustavo ! — repete Max, attonito !

— Em carne e "nupcias", sim, meu velho !

Max não teve custo em verificar que Gustavo, quinquagenario sem vergonha, estava sob o imperio de meia-embriaguez.

— Que é que fazes tu por aqui, heim ? — indaga o devasso. — Tu estás, em galante companhia; não é assim ? Aposto !

E como Max, confuso, não tivesse meio de responder:

— Tu podes me confessar tudo, meu velho, — torna Gustavo. — Eu acabo de te dar o exemplo, eu, homem casado, mostrando-te a nudez da minha conducta.

— Bem; — aventura Max. — Então, eu confesso.

— Ainda bem, meu velho. E que felicidade nos encontrarmos na mesma casa ! Se Pépé — é o appellido da minha pequena, — não tivesse exigido mais uma garrafa de "champagne", eu não teria com certeza o prazer de te encontrar. Vem commigo que eu te apresento.

— Impossivel, Gustavo ! "Estão" esperando por mim lá em cima.

— Está bem. Então, Pépé e eu iremos lá em cima, onde vocês estão. Nós beberemos a "champagne" com a tua pequena !

— Não faças isso ! — protesta Max, vivamente.

— Por que ? Ha indiscreção ?

— Evidentemente.

— E' uma senhora de sociedade ?

— E'.

— Muito bem. E depois ? Eu tambem sou um homem de sociedade. Sua discreção garante a minha. Alem de tudo, se ella teme que eu a veja, basta que ella cubra o rosto. Nada mais pittoresco !

— Mas, Gustavo, eu te asseguro...

— Nada ! Não assegures nada ! — insiste o devasso. — Se tu recusas, eu irei da mesma forma. Eu sou teimoso, tu o sabes !

Max teve uma idéa.

Surprise Party POR JACQUES FAURE



— Muito bem. Seja! — acquiesce.

— Então, até já!

— Mas, deixa-me subir na frente, para prevenir a minha "pequena". E' mais distincto.

— Como quizeres. Nós vamos já.

Max sobe quatro a quatro os degrãos, para avisar Paulette. E cinco minutos mais tarde, Gustavo, uma garrafa de "champagne" sob cada braço, e seguido de uma rapariga de cabellos vermelhos, mais do que nua e menos do que vestida, o rosto em fogo e a lingua destemperada, — dava entrada no quarto de Max e da sua companheira, a qual dissimulava o rosto sob uma toalha com que cobria a cabeça.

— Nobre dama de face velada! — sauda Gustavo com accento theatral — eu sou tão gentil-homem como vós sois gentil pessoa! Respeitarei o vosso incognito. Vim aqui regar com "champagne" a areia da amizade, que me une ao meu amigo Max, a quem voto o mais profundo sentimento de affeição. Perdoae-me se pareço um pouco alegre demais: eu o estou... e por quatro dias! Minha mulher, creatura candida e pura, suppõe-me em viagem de negocios! Mas, por ser um pandego, não se é menos homem, e eu não procurarei desvendar o mysterio da vossa identidade! Ficaí com o rosto velado, si o quizerdes!

A rapariga de cabellos acajú o interrompe:

— Eh, Tatave! Tu fallas demais! Tu fallas que me dás sêde! Bebe, que é melhor! A tua eloquencia dá indigestão na gente!

— Sim, sim, objecto de meu desejo! — responde Gustavo, que, voltando para a dama de rosto velado, ajunta:

— Póde-se recusar nada, senhora, a estes sêres encantadores? Vamos, á nossa, meus filhos, é que a pandega comece!

Pandéga-se, bulhentamente, com effeito. Max encontra toda a sorte de difficuldades em

pôr á porta, lá para as quatro horas da manhã, os autores dessa bachica "surprise party".

Seis mezes mais tarde, Max encontra Gustavo no Boulevard. Nota-lhe uma phisionomia abatida e um ar triste. Apertaram-se as mãos, e conversaram.

— Sabes, meu velho, estou divorciado! — informa-lhe Gustavo.

— Ah! Assim?

— E' verdade! Minha mulher, não sei porque diabolico sortilegio, descobriu que eu a enganava. Todas as provas foram contra mim. E eu fui condemnado, summariamente!

— Tu não eras sufficientemente precavido. Lembras-te d'aquella noite em que foste perturbar a minha tranquillidade?

— Ah!... sim... — respondeu, a voz lamentosa, Gustavo. — Na noite da mulher de rosto velado... Encantadora creatura, aquella... Embora com um ar um pouco... distante... Ella vae sempre bem? Tu não a tens visto sempre?

— Mais do que nunca. Nós estamos noivos!

— Bom, bom! Então, eu vou saber quem era.

— E', talvez, ainda um pouco cedo! — respondeu Max, em um tom estranho.

— Parece que, uma vez que vocês vão casar, não deve haver mais indiscreções.

— Quem sabe?

— Deixemos de brincadeira, rapaz! Quem era aquella dama?

— Tu não acreditarias.

— Por que não? Eu quero saber quem era aquella mulher!

— Fazes questão?

— Faço!

— Aquella mulher era...

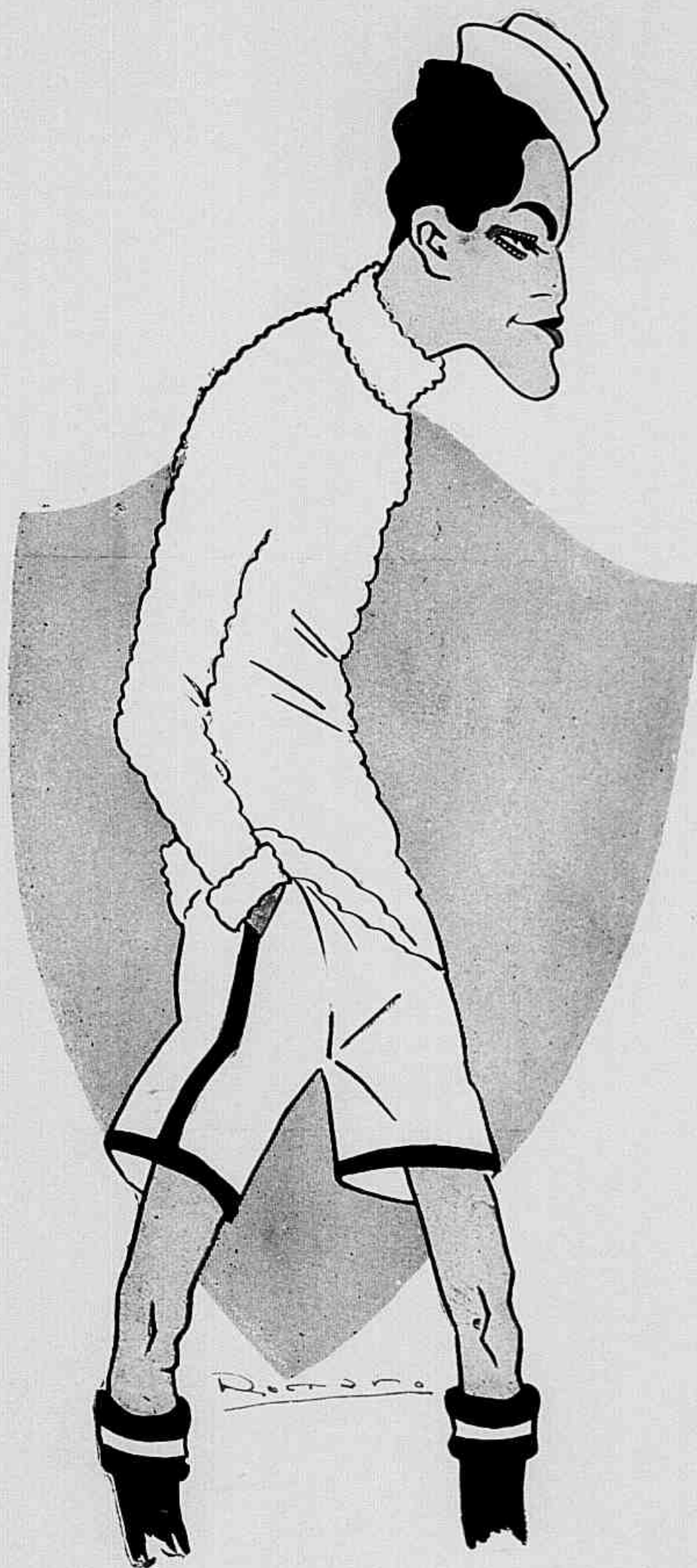
— ?...

— A tua!

Handwritten note:
Lutar contra o
mundo e a
toda a vida

JACQUES FAURE

GALERIA PEBOLISTICA



Alvaro Burgos Carneiro de Campos
(BABY)

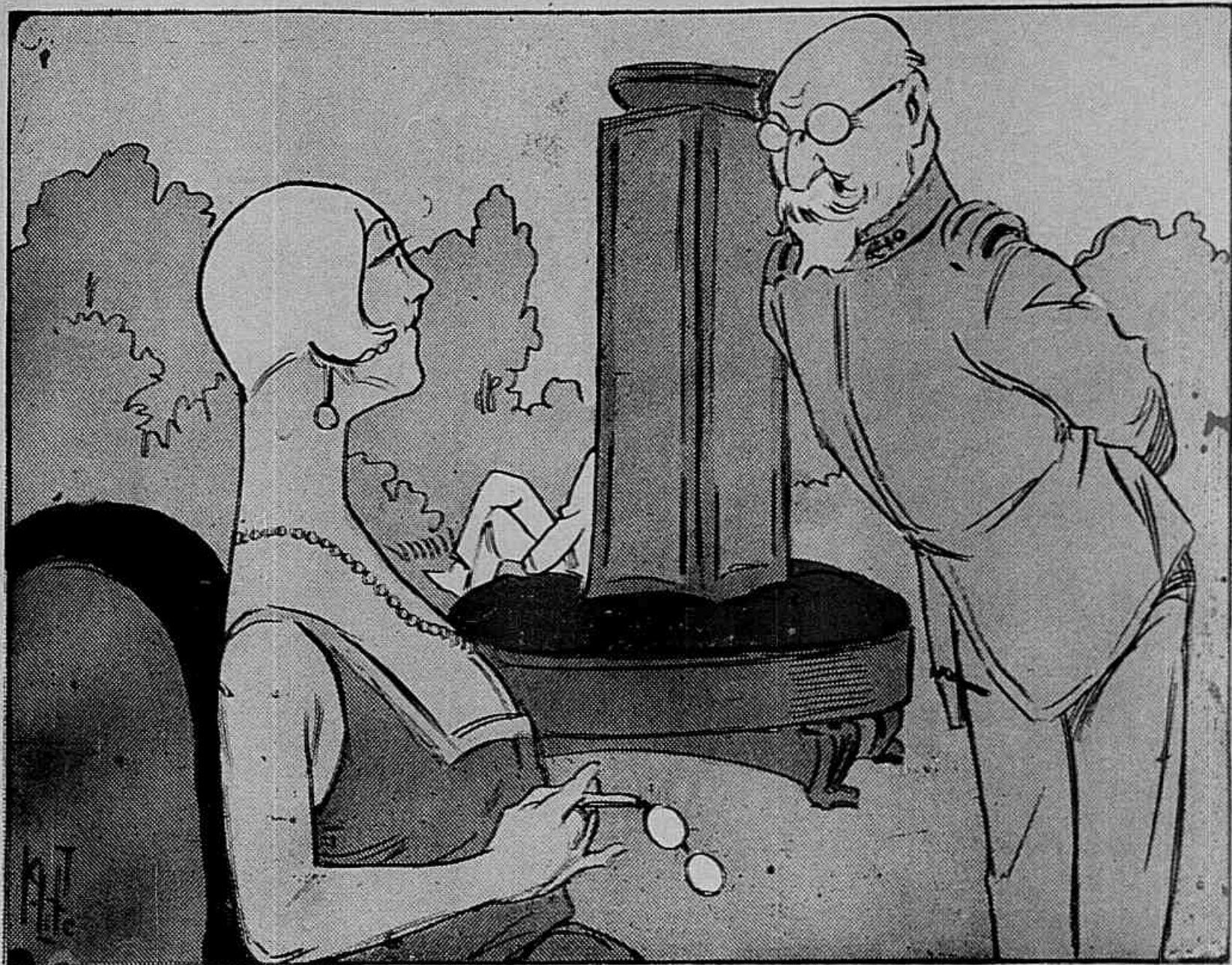
Assumptos da Semana

AQUI, ALLI, ACOLÁ...



1--Vesperal do Fluminense F. C., festa chic da semana, vendo-se na gravura, além do eminente escriptor Coelho Netto, que a promoveu, os homens de letras e as "dizeuses", que nella tomaram parte; 2 -- Mlle. Lenglen, campeã mundial de "tennis", que, segundo se diz, virá breve ao Brasil; 3 -- chá no Automovel-Club, em benefício do Asylo Santa Thereza de Jesus; 4-- Mlle. Lenglen e René Lacoste, campeões do mundo, no jogo de "tennis"; 5--Aspecto do salão de festas do Fluminense F. C., no dia da sua vesperal.

MARINHEIRO VELHO



- O Snr. Commandante nunca naufragou ?
- Até os quarenta e oito annos nunca, Excellentissima : depois dessa data tenho dependido da embarcação.

HUMORISTAS BRASILEIROS

CHARLEROI POR BELMIRO BRAGA

Na minha qualidade de mineiro
e acostumado ás cousas do meu lar,
tres mezes eu andei pelo estrangeiro
vendo muita reliquia e ... a jejuar.

Dormia como um santo, mas á mesa
quantas vezes senti num calafrio
o coração bater-me de tristeza
e o estomago bater-me de vasio!...



Mas um dia na Belgica, ditoso,
pousei em casa de um patricio amigo:
Que refeições e que café cheiroso
tive eu naquelle abençoado abrigo!

Que almoço e que jantar! E a penna leve
se emperra e as pautas do papel me arranha:
E a penna tem razão... Ninguem descreve
um "tútú de feijão" em terra estranha!

▣▣▣ BELMIRO BRAGA ▣▣▣



A Capital

...precavida,
Vem recordar ao leitor,
Que ahi vem, a toda a brida,
Grandes dias de calor.

E' tempo, desta maneira
De agente se prevenir
Com a roupa leve, ligeira,
De linho, seda, ou zephyr.

O homem distincto, bem posto,
Que viva sob este céu,
Compra a nós, quando tem gosto,
Sua roupa e seu chapéu.

Temos de gravata, em summa,
Cores tão lindas e fieis,
Que o freguez vem comprar uma
E acaba levando dez.

Siga, pois, com calma e siso,
O movimento geral,
E compre o que for preciso
Com tempo, na

A Capital



HUMORISTAS DE OUTR'ORA

(1886)

O Mendigo e o Juiz

POR

FERREIRA DE ARAUJO

(Lulu Senior)

Em São Paulo deu-se ultimamente um caso curioso. Dous italianos, homens praticos, vendo que a mendicidade é um officio rendoso e de trabalho leve, pediram licença para estender a mão á proverbial caridade publica.

Na Paulicéa, porém, não mendiga quem quer como aqui na côrte, onde basta fingir uma chaga, ou pôr na rua um jornal a dous vintens; lá a cousa fia mais fino, e é preciso tirar licença da policia, que exige umas tantas formalidades para a conceder.

Os dous italianos requereram, pois, licença á policia; examinados pelos medicos, estes disseram que os supplicantes gosavam de uma saude de ferro, e que bem podiam ir puxar pelo rabo de uma enxada.

Outro qualquer pretendente á honrosa e lucrativa profissão de mendigo teria recuado; os dous italianos, porém, fizeram como o sujeito a quem falha um phosphoro, riscaram outro.

Com o seu despacho de indeferimento debaixo do braço, foram a um empregado de policia, e disseram-lhe pouco mais ou menos o seguinte:

— Illustre representante da auctoridade. Nós sabemos — infelizmente — que ha n'este paiz novo e rico, como em outros paizes velhos e pobres, uma cousa a que se chama lei. Espiritos tacanhos pretendem que a lei foi feita para garantir o direito de cada um; nós temos a dolorosa experiencia de que ella tem por fim impedir-nos de exercer as industrias, para as quaes nos arrastam as nossas respectivas vocações. A lei é uma força, e, como tal, tem-nos impedido por meios violentos, de usarmos da força que nos deu a natureza, não consentindo que esganemos na rua uns sujeitos, que tem menos força do que nós, para lhes tirarmos o que elles têm de mais: dinheiro e relógio. Nós submettemo-nos a essa exigencia da lei, e não roubamos com violencia; apenas uma ou outra gatunice, de vez em quando, e isso mesmo ás escondidas. Agora, porém, a lei torna-se verdadeiramente perseguidora, e revela mesmo capricho em contrariar-nos. E' assim que a lei nao consente que nós estendamos a mão á caridade publica. Pedir esmolas não offende ninguém. Quem não quer, não dá. Nós ruminámos o caso, e temos chegado á seguinte conclusão: — nós andámos caminho errado. O que é bom, não está assim no meio da rua para quem o quizer apanhar, e a prova é que, em casa dos cambistas, o dinheiro está exposto por detraz de vidraças e grades de arame. Ora, nós precisamos da lei, e por conseguinte fazemos o possivel para deitar-lhe a unha. Os medicos não nos quizeram dar li-

cença de graça, porque infelizmente não somos doentes. Paciencia! Tome lá você trinta mil réis por cabeça e um relógio de ouro, e passe para cá a licença para mendigar.

O empregado agarrou nos pobres homens e mandou mettel-os no xadrez, onde ficaram durante vinte e quatro horas.

Quando sahiram, um d'elles disse ao outro:

— Nós offerecemos pouco á justiça. A cousa vale muito mais. Vamos lá outra vez.

E foram. Chegados á presença da auctoridade, deitaram o seguinte discurso:

— Illustre senhor nosso. Aqui estamos nós, contrictos e arrependidos, confessando as nossas culpas. Houve um erro de calculo. Nós não sabiamos bem quanto rendia a profissão de mendigo, e portámo-nos como uns miseraveis. Hoje, melhor informados, voltamos á presença de V. S., e propomo-nos a pagar a desejada licença á razão de sessenta mil réis por cabeça, e acrescentar ao relógio de ouro o indispensavel appendice da corrente, de que por um lapso de memoria deixámos de fallar na nossa primeira visita.

A auctoridade ouviu o discurso e tornou a prender os homens.

E aqui acaba a historia, que refere um jornal paulista; nós porém, tivemos as seguintes informações que nos mandou o nosso reporter especial.

Os dous conversam na cadeia.

— Que diabo! diz um d'elles, é verdade que quem não arrisca, não perde nem ganha; mas tambem tudo tem o seu limite. Cento e vinte mil réis, e um relógio de ouro com corrente do mesmo, já é bom.

— Quem sabe, diz o outro, se o homem quer tambem a medalha?

— Era o que faltava! E corrente dupla, e phosphoreira?

— Pois então! se o negocio é geitoso!

— De accôrdo! Mas cento e vinte mil réis por cabeça e toda a ornamentação do collete da policia, é muito duro! Ainda se por esse preço nos dessem licença para tirar as esmolas de qualquer modo, vá feito; mas só para pedir, correndo o risco do — Deus o favoreça — acho caro!

— Mas olha que elles têm a faca e o queijo na mão...

— Pois sim! Mas se a justiça quer o lucro todo para si, ella que vá mendigar.

E ahí está a idéa que fazem da moralidade da justiça, os dous candidatos á mendicidade em S. Paulo.

FERREIRA DE ARAUJO

(Lulu Senior)

LIQUIDAÇÃO FINAL

(TERMINAÇÃO DE NEGOCIO)

A casa *Royal Store*
communica á sua distincta
clientela que inaugurou a 1.º
do corrente, com a
remarcação de todo o seu
stock a sua grande

LIQUIDAÇÃO FINAL

Royal Store

187 - OUVIDOR - 189

COM A PONTA DO ALFINETE... DE CARLOS CRUZ

A VIRTUDE E A MOEDA
DIALOGO

Um dia D. Virtude
Com a sua palavra rude
Poz-se a cantar: — "Meu valor
E' tanto, tão grande e forte,
Que, não raro, enfrento a morte
E ponho um freio ao amor."

Nisto uma moeda de ouro
Retrucou-lhe: — "É's um thezouro,
Vales corôas reaes . . .
Mas se me vires na arena,
Cala esta bocca, pequena,
Que eu valho cem vezes mais . . ."



OS TEMPOS MUDAM

Resa a Escripura que Jesus um dia
Em defeza da adúltera, ordenou
Que, quem fosse sem macula, podia
Apedrejal-o. — e a infeliz salvou.

Hoje — (é o Progresso!) — se Jesus
quizesse

A sentença piedosa renovar
Não haveria em tão selecta messe
Quem não jogasse trinta pedras ao ar . . .

CARLOS CRUZ

PERVERSIDADE



— O senhor não imagina como eu estou doente. Passel oito dias de cama!
— De cama?... Com quem?

HUMORISTAS BRASILEIROS

O NASCIMENTO DE BERNARDINO AGULHA capítulo d' "A Família Agulha"

DE LUIZ GUIMARÃES JUNIOR

Iam os dois vivendo em uma especie de paz bucolica, quando um dia Anastacio Agulha, dirigindo-se á mulher:

— Não me posso esquecer das palavras de teu pae a morrer! — disse-lhe elle.

— "Cuidado com a gaiola dos colleiros"... murmurou Euphrasia lembrando, em doce recolhimento, uma das mais energicas phrases de seu pae moribundo.

— Qual colleiro, nem meio colleiro! Refiro-me áquelle neto de que elle fallou com tanta pena!

— E então?

— Oh, Euphrasia, — exclamou Anastacio, apertando expressivamente as mãos da mulher; se nós tivéssemos um neto!

— Hein?...

— Não, quero dizer, um filho, um caçulinha, um pésinho, um seraphim bem gordinho e bem travesso!

— Deus não quer! seria um bem para mim!

— Um bem - um bem? repete um bem, anda! Dize depressa!

Anastacio Agulha correu ao chapéo, e abotoando o paletót desabridamente;

— Vou já fallar a um medico!

— Estás doido!

— A medicina tem descoberto cousas do arco da velha. Vou ao Dr. Cunha, já.

E sahio como um fuzil, deixando Euphrasia attonita.

O medico fez-lhe complacientemente uma longa dissertação em que provava a impossibilidade da sciencia corrigir a natureza; mas disse-lhe que se não corrigia, auxiliava. Receitou banhos de mar, alimentos sadios, e, entre outros ingredientes, um calice de genebra de Hollanda por dia.

— Um calice! exclamou Agulha entusiasmado! Se um calice faz effeito quanto mais uma garrafa! Ella beberá uma garrafa de genebra por dia!

O discipulo de Esculapio, porém, conseguiu a muito custo fazer entrar Agulha no caminho do senso commum, e quando Anastacio voltou á casa, vinha sobrecarregado de frascos de todo o feitio.

— A manhã começarão os banhos salgados, — disse Anastacio Agulha, pinoteando de alegria.

— E é muito longe? — observou timidamente Euphrasia.

— Qual! Um passeio á Gloria; em um pulinho está a gente lá. Dizem que aquelle logar da Praia dos Frades ou do Mar de Hespanha é milagroso como o diabo. Tomaremos banho todos juntos! E' preciso convidar a vizinhança.

Tiveram principio os banhos, ao segundo canto do gallo, todas as manhãs. A natureza que será sempre a eterna caprichosa e que gosta mais ou menos de castigar a humanidade, fazendo-lhe a vontade, concedeu ao casal o am-

bicionado fructo. Euphrasia sentiu os primeiros symptomas de maternidade, e Anastacio Agulha saltava, cantava, ria, abraçava as visitas, e agradecia em altas vozes ao céu o presente que ia offerecer-lhe.

Em um dos momentos de maior expansão:

— Graças a Deus! — bradou elle, passeando a passos largos, abrindo e fechando o piano de vez em quando com toda a força — vou ter um neto, não um filho! um herdeiro! o companheiro de minha velhice! o meu mimoso Carlinhos...

— Carlinhos não, — replicou Euphrasia. — Não quero o nome de Carlos.

— Está bom, tem tempo, depois arranjaremos um nome capaz. Oh! que felicidade! E' preciso passeares bastante, Euphrasinha, passeares muito, passeares vinte e quatro horas por dia!

Ha quem diga que o passeio ajuda!

A vizinhança não poupava parabens ao ditoso par. D. Clementina Arrozal citava a proposito varios trechos dos meninos celebres, comparando o futuro Agulhinha a Bouffeurs e outros heróes por excellencia. A Sra. Leonarda começou a fazer toucas e D. Quininha camisas matisadas e o cinteiro, cuja bordado representava uma agulha atravessando um coração.

A devota dos Barbadinhos dava o seu quinão em rezas e escolhia bentinhas para pendurar ao pescoço do menino.

Debay, nos seus cursos de hygiene militante, apresenta os mais fabulosos casos a proposito desse tempo excepcional no excentrico organismo da mulher.

Euphrasia Systhema começou a ter desejos, mas desejos unicos, desejos dignos de especialissima menção.

— Não sei o que sinto, disse ella uma vez a Anastacio; mas ando com uma vontade de...

— De que? Falla, falla, sem medo! Nada de perturbar a cousa!

— Vontade de bolear um carro, de te vêr fardado, de me sentar no meio da rua com a cabeça no teu collo!

— Que creança extraordinaria está-se formando alli! — observa consigo Anastacio, profundamente impressionado.

Alta noite a mulher acorda-o atropelladamente.

— Eu queria, Anastacio... estou com um desejo! E' uma exquisitece!

— Falla!

— Abacate; vae arranjar-me uns abacates e fructas do conde. Eu morro se não trouxeres!

— Calla a boca. Não perturbes o negocio. Lá vou!

E vestia-se ás pressas, sahia para a rua ás duas horas da madrugada, errando até o tiro de peça, sem encontrar nada, nem sequer semente das taes fructas!

HUMORISTAS BRASILEIROS

O NASCIMENTO DE BERNARD NO AGULHA capítulo d' "A Família Agulha" DE LUIZ GUIMARÃES JUNIOR

Voltava com a cara franzida e o sobr'olho carregado.

— Oh! já vieste?
— Não achei! Sou um desgraçado!
— Perdi a vontade também. Sabes o que queria agora? Mas é massada para você!
— Falla! Não perturbes o...
— Queria que tres cabellereiros me penteassem ao mesmo tempo!
— Tres? Pois hão de vir seis, seis cabellereiros!

E Anastacio sahia novamente murmurando entre dentes:

— Que porção de cabellos ha de ter essa creança! Deus a proteja!

Os desejos cresciam de dia em dia e de cada vez mais excentricos e burlescos. Em uma excursão de omnibus a Botafogo, Euphrasia Systhema quiz por força comer as orelhas de um empregado publico, que ia junto della. Anastacio dirigiu-se ao homem e propoz-lhe a venda das orelhas:

— Ponha o preço, senhor: eu pago-as por quatro!

O infeliz passageiro deu um salto do omnibus abaixo, pensando que tratava com um alienado.

Havia na vizinhança um barbeiro que empregava as horas vagas em tocar o hymno nacional a piston. Euphrasia obrigou o marido a ir aprender o referido instrumento com o barbeiro, o que Agulha fazia todos os dias. Graças a muito trabalho sempre com medo de prejudicar o negocio, Anastacio Agulha conseguiu de ouvido tirar alguns trechos do hymno nacional, em um piston que comprou expressamente para o caso.

No melhor do somno era o homem accordado pela mulher que o forçava a executar cochilando o que sabia, no vibrante instrumento, perturbador do descanso alheio.

— Basta! — interrompia ella. — Agora assobia qualquer cousa.

E Anastacio Agulha assobiava qualquer cousa.

Raiou emfim o desejado dia! A vizinhança foi convidada, e a Sra. Leonarda trouxe a comadre, uma tal Quiteria do Amor Divino, par da circular e velha, coberta com o classico lenço de pontas de crivo, um raminho de arruda atraz da orelha e uns trinta cordões, figas e bentinhos no pescoço. O dia tinha sido chuvoso desde o amanhecer; a Sra. Quiteria vinha molhada e aborrecida.

— Cuidado! disse Anastacio Agulha, batendo amigavelmente no hombro da velha gorda. Cuidado com o desmancho!

— O desmancho?

— Ah! Vm. não sabe da cousa? Pois é o mesmo, comadre, é o mesmo. Está nas suas

mãos a nossa pessoa! Deus queira que sejamos felizes!

A mulher sentou-se em uma cadeira que rangeu dolorosamente, e ensaiou algumas palavras de consolação a Euphrasia.

Quando Anastacio pronunciara a ultima phrase na sala, phrase de que os leitores ainda se devem lembrar e que assustou deveras ás tres mulheres, um gemido mais surdo e prolongado sahiu da alcova.

Elle correu para lá, e lançou-se a Euphrasia em cujo pescoço a comadre já havia acondicionado uma porção de rezas e imagens de prata.

— Anastacio!

— Não perturbes, meu bem, não perturbes! aqui estou eu! — balbuciou elle.

Novo gemido mais surdo. A comadre exigiu uma garrafa lavada, immediatamente.

— Para que? — perguntou Anastacio Agulha, pasmo.

— E' preciso que ella assopre, senhor!

— E' preciso que ella assopre?

E dirigindo-se á Sr. Quiteria do Amor Divino:

— Oh! minha cara garrafa, — exclamou Agulha atrapalhando-se todo, — vá lavar uma comadre e traga já!

— Que está dizendo, senhor? — volveu a mulher indignada.

Novo gemido mais profundo de Euphrasia.

— Ah! se é preciso que ella assopre, — continuou Anastacio perdendo a cabeça; e correu a um canto do quarto, trouxe o piston e metteu-o na bocca da mulher.

— Assopra, minha filha!

A comadre esteve para desmaiar de admiração! Euphrasia Systhema exhalando um dolorido ai! enlaçou com o braço direito o pescoço do marido, amiudando os gemidos. O piston em cujo tubo Euphrasia soprava com todo o valor, desprende uns sons roucos e intermitentes, que succediam a outros menos intermitentes e roucos.

— Assopra! Assopra que eu estou aqui!

E Anastacio Agulha, nervoso até o delirio, poz-se a mover as chaves do piston, de fôrma que Euphrasia começou a tocar o hymno nacional a toda a força!

As visitas chegaram á porta da alcova asombradas — Que era aquillo? Que era aquillo?

— Credo! Cruz!

— Santa Mãe de Deus!

— Misericórdia!

Anastacio vermelho, abrasado, e suando por todos os póros, movia mais frenetico e excitado as chaves do piston. O hymno nacional retumbava horrorosamente! As notas desafinadas chocavam-se, partiam-se, baralhavam-se e estrugiam por todo o quarteirão!

Vinha nascendo Bernardino Systhema Temporal Agulha!

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR

VELHOS CONTOS PORTUGUEZES

VAE TUDO SEM NOVIDADE POR

GERVASIO LOBATO

Os interlocutores são um morgado de Alemtejo que estava a gozar os rendimentos em Lisboa e um criado lá da sua herdade de Alter do Chão.

O morgado, que já ha tempo não tinha carta da terra nem noticias de seus paes, encontrou uma manhã, na praça do Commercio, embasbacado, a ver render a guarda principal, o seu criado.

— Olá! Tu por aqui, Tiburcio!
— Ah! o meu patrão!
— Então vens a Lisboa e não me procuras?
não vens logo á minha casa?

— Ora essa! então não havia de ir?
— Pois sim, mas não foste!
— Ia lá já...
— Chegaste agora mesmo?
— Não, senhor; cheguei ante-hontem e desde que cheguei que estou para ir lá já...

— Então, como está tudo por lá?
— Tudo bem, muito obrigado!
— Meu pae, minha mãe, a casa?
— Tudo bem, sem novidade.
— O meu cavallo russo... o "Janota"?
— Ah! é verdade, esquecia-me dizer-lhe, esse é que não tem lá passado muito bem.

— Ah, sim? Que tem elle? Está doente?
— Não, senhor.
— Ah! metteste-me um susto. Um cavallo que me custou 50 libras.

— Não, senhor, não está doente. Morreu!
— Morreu?
— Sim, senhor, mas o mais vae tudo sem novidade.

— Morreu! mas se elle não estava doente?
Morreu de algum desastre?

— Não senhor, qual desastre!
— Então?
— Morreu no fogo que houve lá na cocheira.
— Que? Houve fogo na cocheira?
— Sim, senhor; ardeu toda, e o pobre "Janota" estava lá dentro, foi-se também, coitadinho!

— Mas como pegou fogo na cocheira?
— Pegou da casa.
— Da casa?
— Sim, senhor; a casa ardeu toda.
— A minha casa ardeu toda?
— Sim, senhor, e por mais que fizéssemos não foi possível impedir que o fogo passasse á cocheira. Mas o mais vae tudo sem novidade.

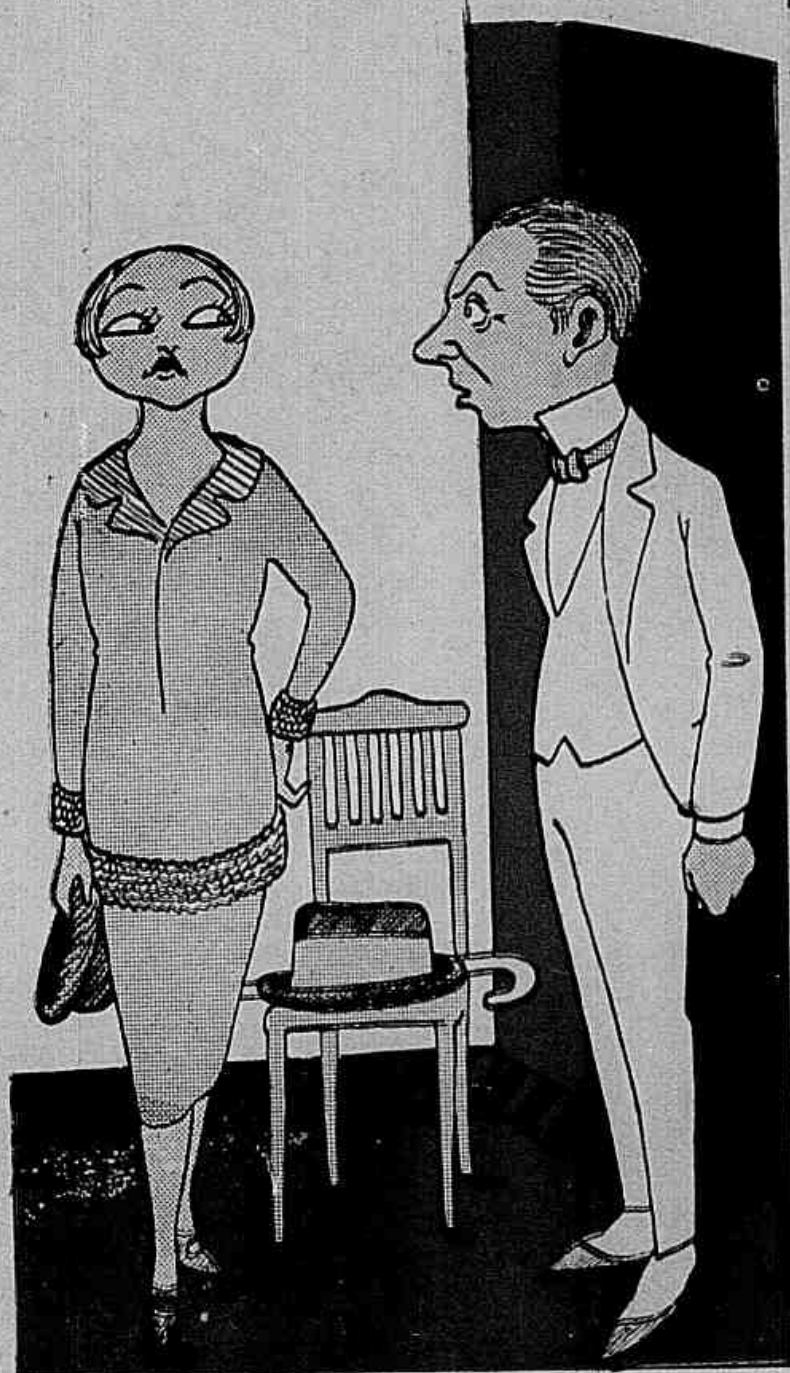
— Mas como foi que pegou fogo á casa?
— Foi uma tocha que cahiu do tocheiro.
— Uma tocha?
— Sim, senhor, cahiu uma tocha em cima do panno do caixão, e foi tudo pelos ares.

— Do caixão? Mas qual caixão?
— O caixão onde estava a defunta!
— Qual defunta?
— A senhora sua mãe.
— Minha mãe? Pois minha mãe morreu.
— Morreu, sim, senhor; mas o mais vae sem novidade.

— Mas do que morreu minha mãe?
— De desgostos, coitadinha!

- Desgostos de que?...
- Pela morte de seu pae.
- Então, meu pae morreu também?
- Não, senhor, não morreu, matou-se.
- Matou-se?

AUTO-ACCUSAÇÃO



- Aonde vae assim, Etelvina?
- Vou á casa de onde tú vieste.
- Tens coragem, então, de dizer-me que és uma cynica, uma devassa, uma meretriz?

— Sim, senhor, enforcou-se, mas o mais vae tudo sem novidade!

— Meu pae enforcou-se?

— Sim, senhor, quando lhe fizeram penhora a todas as fazendas e viu que estava arruinado, que estava a pedir esmola, — foi a uma corda e zás! Mas o mais vae tudo sem novidade, graças a Deus!

GERVASIO LOBATO



THEATRICE



ENTREVISTAS EM VERSO

(As entrevistas, em verso, que se vão ler, pelo facto de serem, talvez, indiscretas, não levam o nome e nem mesmo as iniciais das pessoas entrevistadas. Ninguém nos autorizou a publicá-las. Isso, porém, não altera a apparencia de authenticidade que as caracteriza.)

POR QUE ENTROU PARA O THEATRO ?

Falam actrizes

ENTREVISTA I

REPORTER

Conceda-me uma entrevista,
Se não fôr indiscreção.
A senhora fez-se artista
Por acaso ou vocação ?

1ª ACTRIZ

Qual vocação nem acaso !
Foi um calculo que fiz.
Um bello plano deu-me aso
De tambem vir ser actriz.

REPORTER

Um plano ? Mas, com tal plano
Agora me ponho a rir...
Pois, então, atraz do pano
Póde algum plano existir ?

1ª ACTRIZ

Engana-se, meu amigo !
Eu não puz o plano atraz.
Puz na frente, onde persigo
Gibirú velho ou rapaz.

REPORTER

Já sei, já sei. Lá de scena
Passa a noite a namorar...
Pois creia que tenho pena
do escolhido p'ra seu par.

1ª ACTRIZ

Pena delle ? Tinha graça
se não fosse uma irrisão.
De pressa uma noite passa
nos braços de um mocetão...

REPORTER

Formosa, muito obrigado.

1ª ACTRIZ

Meu caro, não ha de quê.

REPORTER

Logo mais estou sentado
Na ponta da letra B.

1ª ACTRIZ

E depois ? Não se receia
De algumas complicações ?

REPORTER

Depois... iremos p'ra ceia
De lagosta e camarões...

*
* * *

ENTREVISTA II

REPORTER

De onde lhe veio, menina,
o gosto dos bastidores ?
Estava escripto na sina ?
Foi quéda ? ou foram amores ?

2ª ACTRIZ

Foi quéda... e quéda valente.
Uma quéda irresistivel.
E quéda que a muita gente
Põe a cabeça impossivel.

REPORTER

Só no theatro pensava...
Idéa fixa... Um perigo !

2ª ACTRIZ

Nem de theatro me lembrava
E o fixo... isso é commigo...

* * * * *

REPORTER

Não veio para a ribalta
Por causa de idéa fixa ?

2ª ACTRIZ

Foi por coisa bem mais alta
E não, fixa, mas pre... fixa...

REPORTER

Já que não teme a entrevista,
Já que de mim não se arreda,
Conte lá, distincta artista,
A historia da sua quéda.

2ª ACTRIZ

A historia é simples, em summa,
E das outras não differe:
Dois adolescentes e uma
Setta de Amor que a ambos fere.

Do arco desferida em recta,
(Desegualdades da vida...)
Em ambos tocou a setta
Mas fui eu a mais ferida...

Que escandalo ! que alarido !
E os parentes, com alarme,
Vendo que eu tinha caído
Não quizeram levantar-me.

Pobre, indefesa creança,
Na ameaça de tantas garras,
Fui viver, só por vingança,
Sob a luz das gambiarras.

Eis a historia bem contada
Da minha quéda na vida.
Caí, sim ! Mas não fiz nada
E não estou arrependida...

REPORTER

E' interessante a entrevista
E faz cocegas na gente...

2ª ACTRIZ

O braço, meu jornalista,
Que vou caír novamente !

*
* *

ENTREVISTA III

REPORTER

Artista excelsa, divina,
Diga a este pobre mortal,
Porque caprichos da sina
Quiz a vida theatral ?

3ª ACTRIZ

Sua pergunta me enguiça...
Nem sei o que responder...
Acho que foi por preguiça,
P'ra não aprender a ler...

(Aqui terminam as entrevistas. 3 são
ellas e não se sabe qual seja a mais
edificante. Talvez appareçam ou-
tras... Talvez não appareçam...
Tudo depende do Reporter que, mui-
to teimoso, não desiste de encontrar
a vocação pura, a vocação — essen-
cia, a vocação — arrastão.)

BOLETIM

do tempo... theatral

Estado atmosferico

Continúa carregado o céu artistico, em con-
stante borrasca. O anticyclone dos beneficios
ainda peza ferozmente sobre a região, embora
seja fim de mez. Pelas observações que temos
recebido, não ha indícios de tão cedo se modi-
ficar a situação. O ponto mais attingido de toda
a zona é a Avenida Gomes Freire, constante-
mente sujeita ás mais graves consequencias dos
phenomenos meteorologicos, tanto por sua es-
pecial situação topographica como pelas afini-
dades com o sul da peninsula iberica. Succe-
dem-se alli as tempestades de beneficios. Mais
ou menos de dois em dois dias arrebenta um.
Felizmente as pessoas attingidas por elles pre-
ferem sorrir a chorar.

PREVISÕES

As previsões geraes do tempo theatral apre-
sentam-se muito duvidosas. Annuncia-se a mu-
dança da estação e o mais que se póde prever é
uma volta de condições amenas... para as ban-
das do Municipal.

TEMPERATURA

A temperatura media (do publico) tem sido,
salvo em certas noites mais propicias, muito
aproximada do enfartamento. Estamos sob o do-
minio da monotonia. E' tudo igual, é tudo igual,
é tudo igual...

CORONEL KHAR ONA



O Tigre

versos de

ERASMO JUNIOR

(Bahia)

Ao Castro Rebello Filho

O Chico é forte; é um rapagão correcto,
Que as moças, nos saraus, procuram, como
A mosca, esse importuno e vil insecto,
Procura o assucar, e os "Adões"... o pomo!

No futebol é um jogador completo;
E' um "tigre"; assombra... E' um novo Anteu... E um gnomo...
Vivo, sonso e loquaz, sendo discreto,
E' a encyclopédia do "aguia" num só tomo!

Num baile, apóz um tango, entre cortinas,
Tratava-se do Chico: era uma escala,
Uma orchestra de vozes femininas...

Por fim, a que dançou com o Chico fala
E diz, entre suspiros: - Ai! meninas,
O Chico é um "tigre"...um "tigre"...de Bengala!...

ERASMO JUNIOR

Musa Alegre

por

SYLVIO FONTOURA

(E. do Rio)

Nãoensem que este conto é architectado;
E' cousa antiga, sim, mas... verdadeira.
E passou-se entre o Zé, cabra sarado,
Que tinha na cosinha a companheira.

Certa manhã, disse elle á cosinheira:
— "Toma lá dois mil réis, vae ao mercado.
Hoje quero uma ceia de primeira;
Faze, se for possível, frango assado."

Que o frango foi comprado não é certo;
Que ella foi ao mercado, isto é sabido;
E viu por lá um camarada esperto.

E a bôa da mulata, (ninguem poupa
A risada ao saber do acontecido,)
Em vez de frango assado... deu-lhe sôpa!

SYLVIO FONTOURA



A BEATA

CONTO DE

GUSTAVO BARROSO

(João do Norte)

João Pelludo, modesto vesgo e encapetado, era, sacristão da igreja de Nossa Senhora do Perpetuo Soccorro. A Padroeira, com o menino Jesus ao collo, envolta no manto negro, toda rodeada de velas e de flores, passava por muito milagrosa, especialmente em questões de arranjar ou desmanchar casamentos. Por isso, principalmente, estava sempre o templo, á tardinha, depois dos officios, cheio de beatas ajoelhadas rente á grade do altar-mor, as contas do rosario correndo entre os dedos magros, faces pallidas descahidas, balbuciando preces fervorosas.

João Pelludo conheci-as uma por uma, e á custa das gorgetas que com boas labias lhes extorquia, comprára o seu ultimo fato domingueiro. Os minguados proventos da sacristia mal lhe davam para morar e comer com a mulher e os oito filhos que Deus generosamente lhe concedera. Se lhe não valesse a expertise nata, viveria na mais profunda miseria.

Uma das beatas nunca lhe dava um vintem, por mais que a engambellasse, e era a que mais se demorava na igreja, sahindo sómente depois de todas as outras, quando o sacristão empregado lhe vinha dizer:

— São horas de fechar as portas.

Era ella D. Benedicta Goes, solteirona de quareita e cinco annos que ainda não perdera a esperanza de casar, e affirmava serenamente ter vinte e nove annos e nove mezes. Mostrando-se toda lamexa por tudo que cheirasse a frades, novenas e capellas, tinha mui pronunciada e especial devoção pela Senhora do Perpetuo Soccorro. Uma feita, ouviu o Pelludo cahir-lhe dos labios esta supplica:

— Minha Nossa Senhora, permitti que eu não morra sem me casar! Fazei com

que o Joaquim Limão, que mora lá defronte de casa, largue aquella mulata em cuja companhia vive em peccado mortal, e case commigo salvando a sua alma das garras de Satanaz!

E todas as tardes, desde então, occultas por traz de uma columna, o rato de igreja escutava o mesmo pedido, resmungando:

— A bicha anda arrancando para se casar, mas eu ainda lhe prégo uma peça, tão bôa que ella sahirá daqui vendendo azeite ás canadas! Um demonio que nunca me deu um dez-réis!

O sacristão, uma vez que andava limpando as imagens, descobriu que o Menino Jesus, que a Virgem segurava nos braços, tinha a cabeça presa ao corpo por uma simples torracha, já muito gasta pelo tempo, de maneira que, ao menor impulso, oscillava. Resolveu com aquella cabeça movel pregar uma peça á D. Benedicta.

No dia seguinte, amarrou um cordel no pescoço do pequeno Jesus e com uma das pontas na mão, escondeu-se atraz do altar, logo que a beata ficou só na igreja meia escura.

Conforme o costume, a solteirona, ajoelhada em frente á imagem, fez a sua supplica. O Pelludo puxou o cordão, e a cabeça de Jesus balançou para um lado e outro, fazendo que não. Dona Benedicta sobresaltou-se, poz-se de repente de pé, olhos arregalados, sem poder pronunciar uma palavra. Era um milagre! Mas a pouco e pouco foi se acalmando. O Menino Deus continuava a abalar a cabeça. E beata, tremula, mas indignada, não se conteve, explodiu:

— Não estou pedindo nada a você, "seu" intromettido! Estou pedindo á sua mãe que é mulher como eu, e sabe as "necessidades" que a gente soffre quando não se casa!...

GUSTAVO BARROSO

HISTORIAS CAIPIRAS



AS PERDIZES PAGINA DE CORNELIO PIRES

Convidado pelo Joaquim Bentinho, depois que o dia se levantou e a cerração se esvaiu sob o céu de um azul maravilhoso, só apreciado na roça, sahi a dar um giro a pé, pelo bairro, pelos caminhos tortuosos, pelos trilhos fundos, desviando, aqui, de um touceira de capim ainda brilhante de orvalho, alli, de um trepadeira que estendia hastes humidas e gotejantes sobre a verdade. Nas ramadas e galhadas seccas, as teias de aranha, salpicadas de orvalho, dão ideia de colares e joias de fino labor: cada gôta é uma pedra rara, de brilho azul, com um tom de ke-rozene.

Na triguêra, á nossa passagem, ha um as-sobiar de azas de rolinhas carijós; pardacentas rôlas se elevam da palhada da roça de milho colhida ha pouco, e vão pousar emparelhadas ou enfileiradas nos galhos seccos. Um tatarar de azas atrae-me a atenção: é uma jurity, de vôo rasteiro, que, espalmando a cauda em leque, pou-sa sob uma ramada. O Joaquim Bentinho leva o porrete em mira, como se fosse uma espingarda, e "dorme no ponto..." O caipira nunca deixa de "fazer pontaria", mesmo que seja com o dedo, sempre que veja uma "caça".

— Ah! se a minha Laporte tivesse aqui, eu baleava aquella diaba e inda escavacava o gaio onde ella tá sentada...

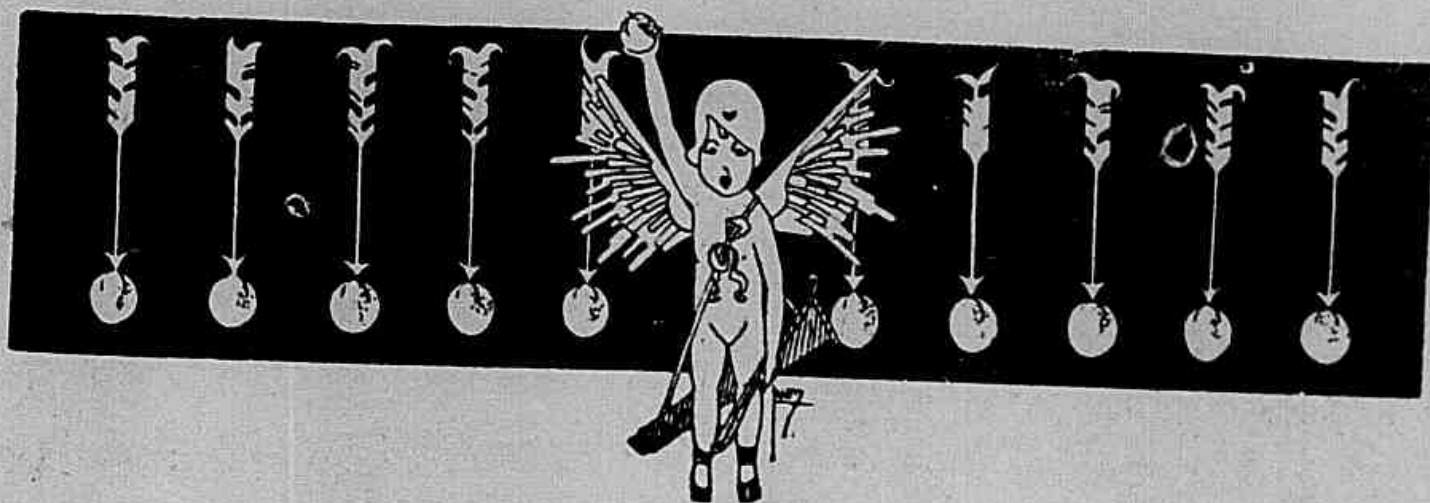
Chegamos ao "espigão dos italianos", se-meado de cazinhas brancas, pintalgando de luz o verde symetrico e monotono dos cafezaes. Nho Joaquim explica:

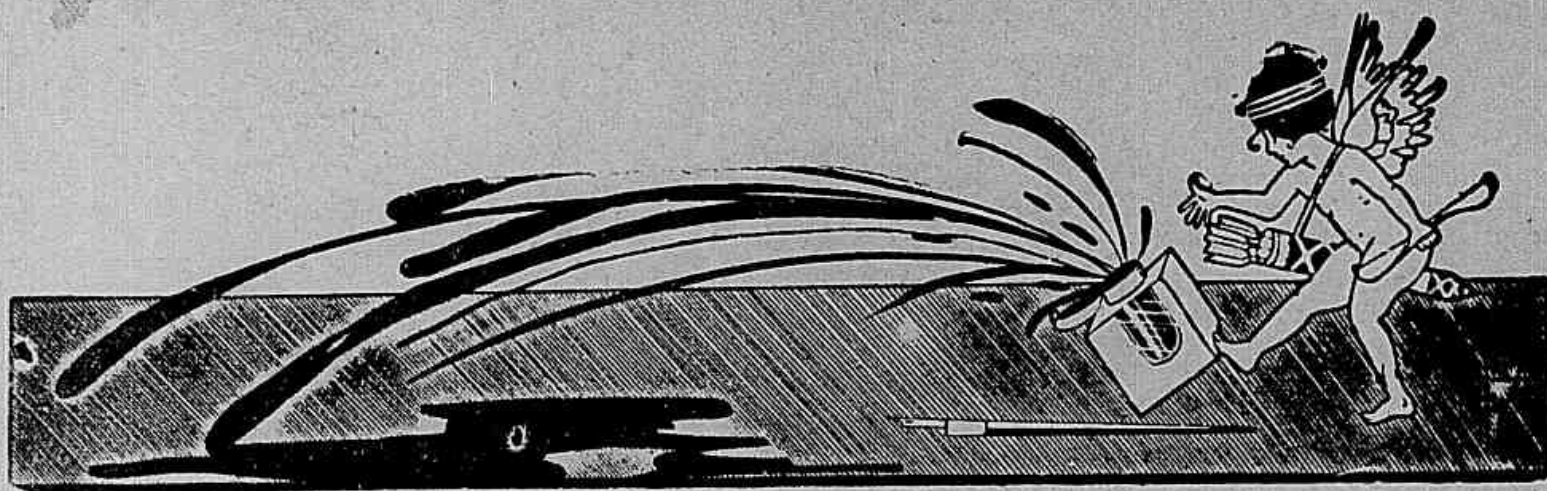
— Esta lavoura toda que a vista mal abran-ge, que se estende pelos refegos das baixadas e sobe pelas lombadas visinhas, dobrando es-pigões, pertencera a um só proprietario, mora-dor na capital paulista. Um colono italiano, trabalhador e sobrio, juntou o necessario para se fazer pequeno proprietario: comprou dois al-queires das terras do patrão. Como este fizeram os outros, e a grande propriedade foi sendo sub-dividida.

Os cafezaes velhos, a terra exgotada, no di-zer dos nossos patricios, já não compensam o trabalho. E a fazenda foi picada em lotes. A ter-ra em que piza o pé do italiano e em que o seu suor escorre, rejuvenesce e produz! Descabe-çados os talhões, revolvida a cama superficial do solo; bem podado o cafezal, limpo de "ga-lhos ladrões.., que se tramam no amago do cafe-eiro sem nada produzir; bem espalhado o cisco reforçado pela palha do proprio café, o cafezal "agradece o trato..." E aquillo que o commo-dista fazendeiro (felizmente de outros tempos) vendeu a 200 e 300\$000 o alqueire, vale hoje dois e tres contos de réis.

Tudo se valoriza. E a propriedade de um que vivia fóra do municipio, passa a pertencer a cem, que trabalham e prosperam, morando, produzindo e criando novos, brasileiros nesses pontos do paiz, enriquecendo-se e á Patria de seus filhos.

Ia eu embebido nessas reflexões, quando o Joaquim Bentinho, entupido de mentiras, não





AS PERDIZES PAGINA DE CORNELIO PIRES

poude segurar-se por mais tempo e interrompeu o meu silencio.

— O'í... agora, no Intruido, feis quarente-oito anno (Nho Joaquim tem cincoenta e poucos...) — que nós viemo abri esta lavôra pro defunto Majó Luciano. O meu fio Bastiãozinho, que foi sorteado este anno, tava de mêis... A mataria virge era ua buniteza, trancada de guarantan, saguaragy, canelêra, jacarandá, cabriúva, guatambu', barba de bóde, caviu'va, alegirim, peróva, pau dáio, intão, tava anssim! (e juntou os dedos das duas mãos, apinhados voltados para cima, entreparando com o porrete entre as pernas). Era delúvio! Ua sodomia de madêra, e ansim por riba do mato vancê via aquelle mar de jiquitivá!... Taquemo o machado de ua vês e levô uns dois anno que vacê só uvia o táo... táo... dos machado fazeno éco, e ascuitava o ronco e o estrondo das peróva e dos pau de machado, despencano praquellas gróta a drento! Êh! tempo! Caça, era praga! Gente matava paca a pau e cutia a bodóque! Os italiano inda num tihum vindo e a pssarinhos sobejava... puis você pohão o sintido hai de vê que os italiano já cumêro guage tudo os passarinho do Basi, cum pulenta... E é gostoso! Mais, cumo ia iê dizeno, alli onde tá aquelle tóco de peróva era ua gamelêra... e perto della o meu rancho. Passáno o córgo era a pastaria. Perdi zaqui era áua! Nunca vi tanta perdiz... e anta tamêm, e veado tamêm. E onça tamêm tinha...

— Mas, as perdizes? Eram muitas? — ageitei a conversa.

Bentinho abaixou-se, largou o porrete no chão, ergueu, com as duas mãos um punhado de areia fina e atirou-o para o ar, triumphante:

— Conte! Era que nem furmiga in tempo de correição! Vacê magine: pra podê dá mio pras gallinha percisava botá o Bastiãozinho cum rêio na mão pra spantá as perdiz, senão o mio num sobejava pras criação! Um dia a muié ficô amofinada e garrô matiná: — "Eu quero cumê um cardo de frango, bem grosso, bem sargado, cum farinha de mio bem bijuenta bem torrada". Foi diffice! Tacava cacetada num frango, o coisa-má desviava, aquillo era tan! na cabeça de na perdiz! O' peste! Depois de matá uas dezoito que assentei ua cacetada num frango!

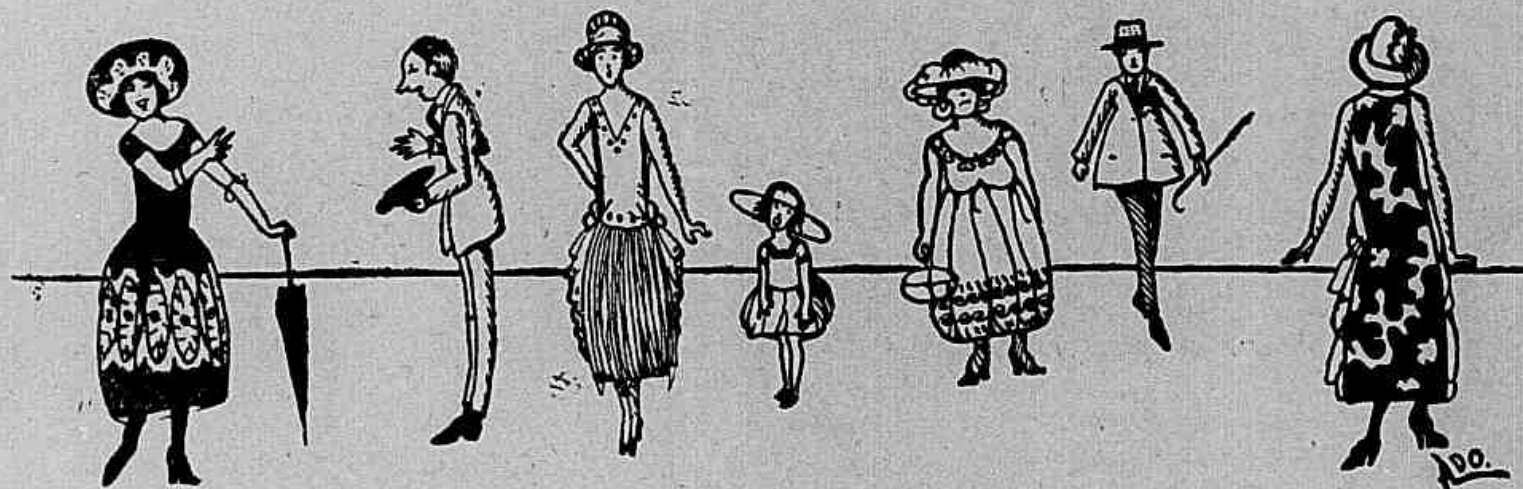
— Que colosso!

— Um dia, só pra arveja mea ispingarda, dessas de um cano só e perpará ua incommenda do Pascoá intaliano, vendero da incruziada que quiria proção de perdiz, sargada, sahi, malezinho alli no pasto, sem cachorro, e garrei fazê cuma quem tóca gallinha: chiii... chiii! Levantava as nuvea de perdiz! Eu, coa pica-pau véia, firme na pontaria, foi um destrago! Ua incastelava pra cá, bum!... otra de ponta de aza, pra lá, bum!... outra no levantá... bum! Aquillo era bum... bum... bum... bum... Um tiro in riba de otro! Barburidade! Dei mais de cem tiro!

— E quando é que mecê carregava a espingarda?

— Carregá?... Que esperança!... Cadê tempo!...

CORNELIO PIRES



Os Mestres do Humorismo

A FREIRA POR ARTHUR AZEVEDO

Um dos nossos pintores mais estimados, o X., teve ha dias a ventura de receber no seu "atêlier" a visita de uma das mulheres mais bellas do Rio de Janeiro, — a Raphaela.

Ha muito tempo esse encontro estava determinado por longo e persistente namoro; mas o actual senhor é dono da Raphaela, o commendador Pereira, é muito ciumento... e não lhe faltam razões para isso.

A pobresinha não tem licença para sahir de casa, onde, aliás, nada, absolutamente nada lhe falta. Mora num quasi palacete, dispõe de roupas e moveis de luxo, e o commendador está prompto sempre a satisfazer os seus caprichos, ainda os mais extravagantes e custosos.

Entretanto, ha dias, o homem foi obrigado, para tratar dos seus interesses commerciaes, a afastar-se do Districto Federal durante quarenta e oito horas, e o ditoso X. recebeu aviso de que a Raphaela iria ter com elle.

★

A entrevista durou tres horas, que passaram rapidas como se tres minutos fossem, e durante esse tempo não houve protestos de amor que não preenchessem os intervallos dos beijos.

A Raphaela, que não tem o sentimento artistico bem educado, só na occasião de sahir se lembrou de lançar os olhos sobre algumas télas, que se achavam espalhadas aqui e ali por todo o "atêlier".

Chamou-lhe particularmente a attenção uma cabeça de monja, de um moreno rozado, com os olhos negros voltados para o céu e os labios entreabertos numa expressão beatifica e ao mesmo tempo voluptuoso.

— Que bonita freira, exclamou ella, num tom de sinceridade que desvaneceu o artista.

Considero esta cabeça um dos meus melhores trabalhos, explicou o X.; pinte-a em Paris e tive a satisfação de ser elogiado pelo grande Cabanel, que foi meu mestre.

— Nunca vi pintura que me agradasse tanto!

E a Raphaela deixou-se ficar ainda alguns minutos, perplexa, deante do quadro, antes de estender a face ao ultimo beijo.

★

No dia seguinte ella recapitulou mentalmente as suas impressões e acabou por se arrepender de ter ido ao "atêlier".

Havia uma circumstancia que a contrariava: o não ter sido paga. Educada na escola do vicio, habituada a vender-se, completamente balda de senso moral, a Raphaela tem como doutrina que mulher nenhuma deve entregar-se de graça á brutalidade de um homem, seja elle quem fôr. Nada lhe faltava em casa do commendador Pereira, é certo, mas causava-lhe um grande aborrecimento a excepção que, levada por um capricho transitorio, abria em favor do artista.

Por baixo daquelle formoso envolucro feria sangue judeu e palpitava uma alma gananciosa e torpe. Não é de amor que brilhavam tão lindos olhos, mais lindos que os da freira da

pintura: tremuleziam nelles a cupidez implacavel do usurario.

★

A Raphaela estava, pois, no estado d'alma em que fica o avaro que se arrepende de haver dado uma esmola, quando a criada lhe veio entregar, ricamente emoldurada, a cabeça que ella na vespera admirara em casa do pintor.

Acompanhava a téla delicada cartinha em que o X..., entre apaixonadas blandicias, lhe pedia para acceitar e pendurar na parede "o insignificante estudo que tanto lhe agradára".

A Raphaela assim fez; acceitou o presente e mandou pendural-o por baixo do grande espelho "biseauté", que era o ornamento mais consideravel da sala.

★

A' noite o commendador Pereira voltou da sua excursão commercial e foi ter immediatamente com a amante.

— Houve alguma novidade em casa durante a minha ausencia?

— Houve.

— Que foi?

— Fui hontem procurada pelo X...

— Quem é o X...?

— Valho-o Deus! um homem que vive no Rio de Janeiro não tem o direito de perguntar quem é o X...

— Pois eu declaro-te que não o conheço.

— O X... é um pintor brasileiro de extraordinario talento.

— Um pintor? Não me dou com essa gente. Que veio elle cá fazer?

— Já lhe digo. Acompanhe-me até a sala. E foram para a sala.

— Veiu trazer-me este quadro que, como vê, é lindissimo.

— Trazer-te este quadro? Ora essa! Para que?

— Pediu-me que o comprasse.

— Hein?

— O X... tem um talento extraordinario, mas é pauperrimo. Como lhe disseram que aprecio muito os objectos de arte, lembrou-s-e de que eu poderia protegê-lo.

— E tu compraste o quadro?

— Não, não o comprei, porque não sabia se isso seria do seu agrado. Demais, o senhor bem sabe que não tenho dinheiro. Pedi ao X... que deixasse ficar a pintura, e disse-lhe que lhe mandaria a resposta.

— E tu gostas disso? Precisas desta freira em casa?

— Teria muito prazer em possuir esse quadro.

— Quanto custa?

— Barato. Um conto de réis.

— Hein?

— E' uma obra prima, um quadro admiravel, uma pintura de mestre!

— Embora. Aqui tens quinhentos mil réis. Manda essa quantia ao tal X..., dize-lhe que nem mais vintem, e verás que ficará satisfeito.

A Raphaela embolsou o dinheiro, e ficou muito contente por não se ter dado de graça.

ARTHUR

AZEVEDO



A "FLUXO-SEDATINA" é o GRANDE REMEDIO
DAS SENHORAS e SENHORITAS em todas as idades.

— PORQUE? —

1.º — Porque as PALPITAÇÕES, Dôres de cabeça, ENJOOS, Vista turva, PESO NA CABEÇA, Vertigens, DORES NO VENTRE, Falta de memoria, CANSAÇO, Falta de animo, VOMITOS, Falta de appetite, que PROVEM SEMPRE do utero doente, que faz da mulher um CADAVER VIVO, desaparecem rapidamente com o uso da "FLUXO SEDATINA".

2.º — Porque a "FLUXO-SEDATINA" combate com vigor as IRREGULARIDADES da menstruação, como REGRAS dolorosas, REGRAS excessivas, FALTA de regras, SUSPENSÕES, COLICAS uterinas, CORRIMENTOS e INFLAMMAÇÕES DO UTERO.

3.º — Porque a "FLUXO-SEDATINA" engorda, restitue a ALEGRIA e a SAÚDE ás MOÇAS PALLIDAS, ANEMICAS, que soffrem de FLORES BRANCAS, Nervosia, INSOMNIA, Hysterismo, MAL-ESTAR e Doenças proprias da sua idade.

4.º — Porque a "FLUXO-SEDATINA" evita os abortos e suas CONSEQUENCIAS FATAES e nos Partos é um PODEROSO AUXILIAR, facilitando, diminuindo as dôres e EVITANDO as HEMORRHAGIAS.

5.º — Porque a "FLUXO-SEDATINA" é o unico medicamento efficaz que NUNCA FALHA. E' o GRANDE REMEDIO do utero, calmante, REGULADOR, sendo DIARIAMENTE receitado pelos medicos e pelas parteiras, e usada com resultados CERTOS em todos os Hospitaes e Maternidades da America do Sul.

Licenciado pelo D. N. S. Publica, sob n. 67, em 28 de Junho de 1915

A Pernambucana

OFFICINAS GRAPHICAS

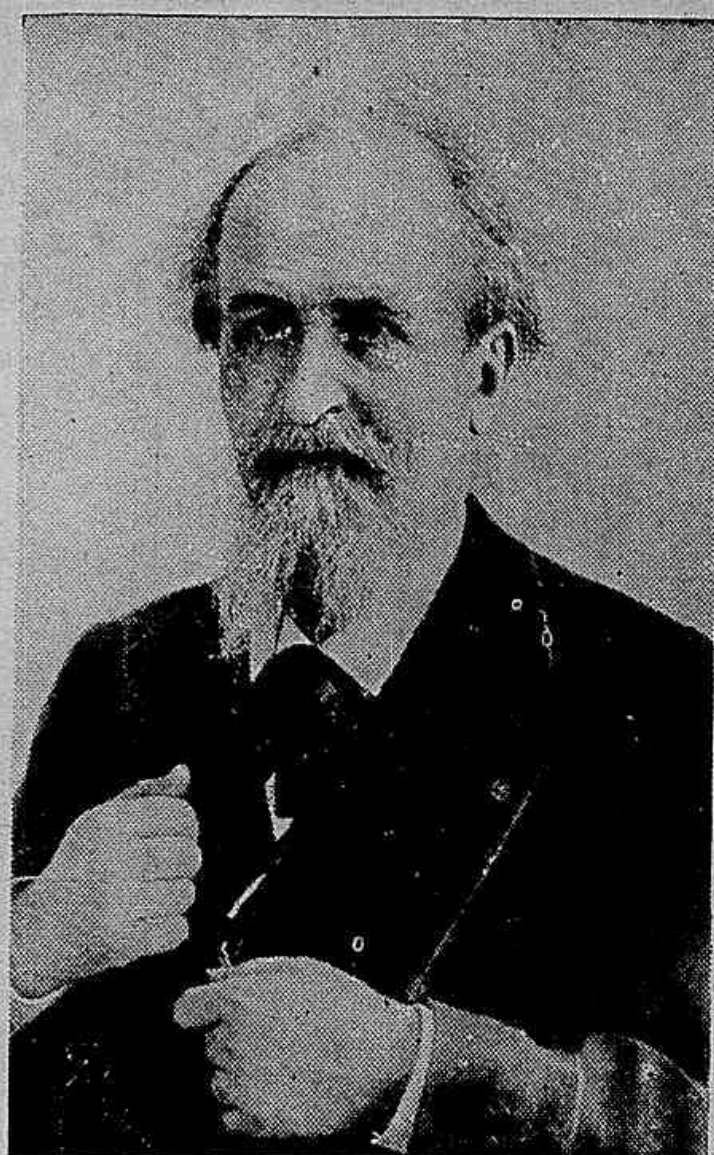
EXECUTA COM PERFEIÇÃO E NITIDEZ
IMPRESSÕES DE ALBUNS, REVISTAS
E TODO E QUALQUER TRABALHO
CONCERNENTE A'S ARTES GRAPHICAS
ESPECIALIDADE EM IMPRESSÕES DE
CHROMOS, TRICHROMIAS, ETC., ETC.

Hermes Pottes

RUA PAULO FRONTIN, 103

ESPLANADA DO SENADO

RIO DE JANEIRO



OBRAS DO CONSELHEIRO X. X.

(HUMBERTO DE CAMPOS)
DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

O escriptor mais lido e popular do Brasil

O autor mais alegre!

O humorista mais subtil!

ACABA DE APARECER

Pombos de Mahomet

BROCHADO 6\$000 — ENCADERNADO 8\$000

Volumes já publicados :

VALLE DE JOSAPHAT	18.º milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500
O TONEL DE DIOGENES	16.º milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500
A SERPENTE DE BRONZE	12.º milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500
GANSOS DO CAPITOLIO	15.º milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500
A BACIA DE PILATOS	12.º milheiro, br. 6\$, enc. 7\$500
A FUNDA DE DAVID	6.º milheiro, br. 6\$, enc. 7\$500
GRÃOS DE MOSTARDA	6.º milheiro, br. 5\$, enc. 6\$500

Cada volume contém 120 chronicas maliciosas e do mais fino espirito, destinadas a fazer rir o homem mais triste e a sorrir a mulher mais melancolica.

PEDIDOS Á

LIVRARIA EDITORA LEITE RIBEIRO

RUA BETHENCOURT DA SILVA, 15, 17, e 19

RIO DE JANEIRO